

PREÂMBULO

O TURBILHÃO DA VIDA

O turbilhão da vida palpita em todo o cosmos, por infinitas sendas, em sua maioria ocultas à visão e percepção humana. Inumeráveis as dimensões e esferas pelas quais o espírito se move milenarmente, se disciplinando, se aprimorando, alternando passagens intermundos, por margens e estâncias sequenciadas quão distanciadas.

Sob os véus da personalidade, da corporeidade, quantas realidades, quantas romagens, jornadas mil de aprendizado, que nos são ofertadas pela pedagogia divina, de forma a nos graduar no laurel da sublimidade, do bem comum. Múltiplos labores, serviços, esforços incondicionais proporcionados à evolução do caráter, à renovação interna, à propulsão espiritual. Incessantes atividades, nos inumeráveis laboratórios e departamentos do Alto, em todos os níveis e moradas do Pai, ainda que destoante da estreita concepção de algumas interpretações convencionalistas.

O espírito é qual uma emissora viva, pulsante, emitindo radiações consoante seu potencial vivencial, sideral, ontológico, fruto do que pensa, age, sente, gerando potencialidade, responsabilidade. Somos convocados ao serviço, à emancipação de nossas deficiências, mediante uma visão coletivista, libertária, distinta das noções ferozes de posse, de interesses meramente materiais, postulados políticos, filosóficos, econômicos em si escravizantes próprios do “reino de César”.

Todas as nossas ações, em suma, devem ser sacralizadas como oferendas a Deus (I Co 10,31), o que implica igualmente o uso correto, íntegro, benevolente da palavra. O aprimoramento pessoal, espiritual se completará em algum tempo com o retorno do Senhor (I Jo 3,2-3), o advento de novos céus e nova terra (II Pd 3,13), para o que devemos estar devidamente preparados, paramentados, envergando túnica imaculada, crescendo em fé, consciência e obras.

Folhinha

O formato, o conteúdo e a presença dela já são tradicionais. Há mais de um século e meio, a Folhinha Eclesiástica de Mariana mistura calendário, informação, agenda religiosa e publicidade em um único impresso. Não por outro motivo, é oficialmente declarada como Patrimônio Cultural – e carregada de histórias sobre quem encontrava nela, décadas atrás, um verdadeiro guia para quase tudo.

Pág. 3

A jornada de James Wells

Ele percorreu mais de 3 mil milhas Brasil afora. Mais especificamente, “do Rio de Janeiro ao Maranhão”, como publicou à época. Nesta edição do Sabores & Saberes, um artigo completo fala sobre a passagem do engenheiro inglês pela Província de Minas Gerais – e as pessoas que encontrou por aqui: “Pobre velho sujeito. É tarde para começar a vida de novo, mas ele está cheio de esperança, coragem e energia”.

Pág. 4

Milagreiro?

Numa imagem, um fiel se ajoelha e espera, resiliente, pela bênção do homem sereno que estende a mão e o toca. Em outra, adultos e crianças se aglomeram ansiosos pela missa que viria a seguir. No fim dos anos 1960, o Padre Luiz Alarcón arrastou multidões e se tornou o “Messias do Sertão Mineiro”. A fama de milagres realizados, porém, escondia capítulos nada santos em sua história.

Pág. 16

A Companhia Têxtil São Joanense

“O trem entrava no desvio do pátio da Companhia carregado de lenha e matéria-prima. O algodão era encaminhado para o descaroador, onde sofria a separação das grossas impurezas, como o caroço. As cascas e caroços eram utilizados na caldeira. O produto, propriamente dito, seguia para a lavagem e tingimento. Em seguida colocavam ao sol para a secagem. Após essa etapa começava o processo de fiação”.



Pág. 18

São Joanense

ADIVINHAS

- 1-O que é, o que é? Quando se escreve com "o" costuma matar, quando se escreve com "a" costuma amarrar.
 2-O que é, o que é? O animal mais antigo do mundo.
 3-O que é, o que é? O lugar mais certo do Brasil.
 4-O que é, o que é? Não tem olhos, mas pisca; não tem boca, mas comanda.

Respostas: 1- TIRRO/TIRA. 2- A Zebra. Ela ainda é em preto e branco. 3- O Sertão. 4- O semáforo.

Provérbios e Adágios

- De mamão a Varão vai um tempão
- Dorme na pipa, amanhece na bica
- Depois da batalha aparecem os heróis
- Depois da tropeçada é que se amarra o pé
- Depois da porta arrombada é que se põe tranca

Para refletir

- “O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete.” (Aristóteles)
- “Uma vida não questionada não merece ser vivida.” (Platão)
- “Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo.” (Platão)
- “O mundo é um livro, e quem fica sentado em casa lê somente uma página” (Santo Agostinho)
- “Prefiro ser um homem de paradoxos que um homem de preconceitos” (Jean-Jacques Rousseau)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
 APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Tel.: (32) 3376-1286

AO PÉ DA FOGUEIRA

O COFRE

Funcionário público concursado, ocupando as funções de tesoureiro de determinada autarquia, passaria por inusitada, embaraçosa situação. Era tempos em que os órgãos públicos mantinham exatorias, com guichês ou caixas para recebimento de tributos e emolumentos e ainda pagamentos de salários e pecúlios a funcionários ou de pensões a dependentes. Cidade muito politizada, lideranças autocráticas, um vaivém de notícias truncadas, pasmaceira generalizada.

Ao final do expediente diário, fechava-se o caixa, contabilizavam-se entradas e saídas e o numerário remanescente ou superavitário guardado, sob senha e somente de conhecimento do tesoureiro e de seu superior, no enorme e cofre blindado da autarquia. Ao chegar naquela segunda-feira na repartição, manhã fria, jamais imaginaria que aquele dia não seria como outro qualquer. Era véspera de pagamento do pessoal e expressivo montante de numerário achava-se ali custodiado. Após deixar alguns pertences na mesa de trabalho, dirigiu-se à saleta onde estava instalado o antigo e compacto cofre. Ao abri-lo, uma surpresa, uma bomba. Quase nada em seu interior, pelo menos em cédulas de valor circulante. Apenas um papel – que depois verificou ser um bilhete - em meio a algumas cédulas rasgadas, ali deixadas propositadamente. Cambaleante, incrédulo, vasculhou inutilmente o interior vazio. A seguir, todo o chão do cômodo. Nada. Nenhum sinal de arrombamento. Desespero e pânico apoderaram-se dele, deixando-se cair, o cenho franzido, olhos injetados de estupor, o sangue a gelar-lhe as veias.

Observou melhor o papel sobrescrito, deixado no ângulo mais secreto do cofre. Era o recado lacônico de certo político local, dizendo ter retirado dali o numerário e que depois se entenderia com o “chefe”. Como?! Então, alguém alheio à repartição, tinha chaves do prédio, da sala da tesouraria e da senha do cofre?!

Sentiu-se infamado, aviltado, atraído. Simplesmente em meio a feras, emperrado entre chefias transgressoras, portas e cofres violados, chaves liberadas... Não podia, de forma alguma, entender ou sequer decifrar tamanho disparate...

Lembrava-se de que, por vezes, ouvira o chefe dizer que, por razões pessoais, tinha que “resolver assuntos de terceiros”. Seria o uso de dinheiro público para fins meramente particulares, um desses “assuntos”? Que “razões” levariam algum chefe a abdicar de sua responsabilidade legal, liberando o tesouro público a terceiros?

Testemunhou o fato, lavrando ata circunstanciada e entregou o cargo. Era o mínimo que podia fazer...

Bem, alguma punição, alguma penalidade para o chefe biltre nem pensar...



ADEVIC

Foi constituída em São Tiago em 28/02/2011 a Associação de Defesa da Cidadania da vida dos Direitos civis e humanos, do consumidor e do contribuinte, tendo sido eleito o Conselho Administrativo Diretor.

Uma iniciativa popular, envolvendo associações de moradores e singulares e profissionais do direito local que infelizmente não deu em nada.

A Diretoria eleita “enfiou a viola no saco”. Lamentável!

Poderíamos/deveríamos reativar a meritória associação. Aguardamos interessados/motivados quanto à real defesa dos interesses da comunidade.

(SS – nº XLIII – abril/2011)

Realização:



Apoio:

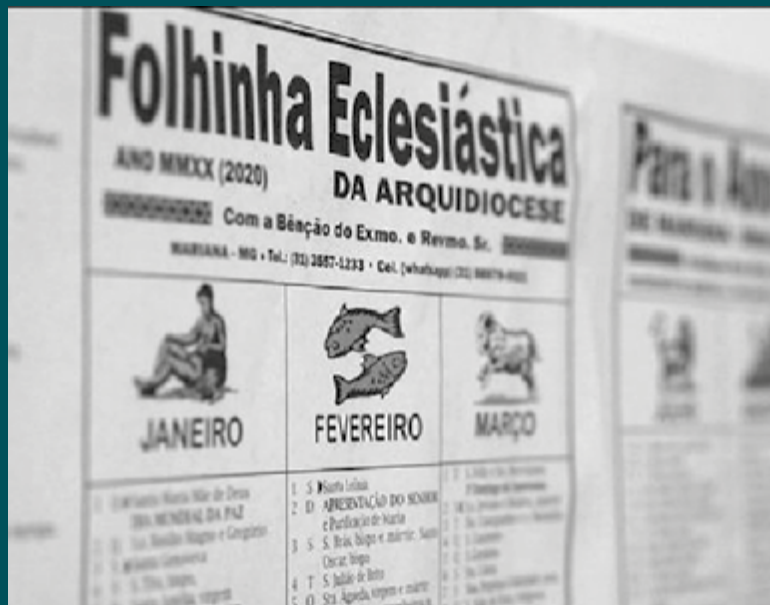


FOLHINHA DE MARIANA

A Folhinha Eclesiástica da Arquidiocese de Mariana ou simplesmente “Folhinha de Mariana” criada em 1870 pelos padres católicos e por Dom Silvério. É um famoso calendário impresso anualmente na cidade de Mariana, nossa primeira capital Mineira. Foi. Atualmente são impressos e vendidos 350.000 exemplares. São 152 anos de existência.

Na folhinha constam: fases da lua, orações, instruções religiosas, tabela de amanhecer e anoitecer, horóscopo, tabela de plantio, resoluções da CNBB, dados do Papa e um espaço para propaganda de casas comerciais que distribuem a folhinha aos seus fregueses como brinde de fim de ano. Ela nos adverte para os dias de penitência, para a proteção do santo daquele dia, sobre as mudanças do tempo seja, “brusco, céu claro ou trovoadas com abundância de água, etc.” As previsões são baseadas no “Lunário Perpétuo”, um livro raríssimo, escrito em terras lusitanas, no século XVII, por um autor desconhecido, contendo tabelas e cálculos, existindo somente dois exemplares originais no mundo, um está em Portugal e outro em Mariana. Em 26 de maio de 2006 a FIEMG concedeu a Folhinha a comenda de patrimônio cultural. Depois de 2016, foi reconhecida como patrimônio imaterial da cidade de Mariana, devida a sua importância cultural, histórica e social.

Em São Tiago, a tradição da distribuição da Folhinha Ecle-



Já era costume entrar dezembro e o pessoal procurava o Sr. Chico Luiz para pedir a folhinha. O pessoal da zona rural aguardava com ansiedade, pegava para si, para seus familiares e vizinhos. Era um verdadeiro presente de grande valia. Em casa era colocada em lugar de destaque nas residências e consultada diariamente. Tinha também a função de ser um guia orientador nos plantios. Na época do plantio, seguiam-se as estações e o conteúdo da folhinha. Se era sugerido plantar alho, não se plantava alface. Se era época de beterraba, a melancia ficava para depois e a assim com todos legumes e verduras.

Por muito tempo, foi o indicador de nomes para os filhos. Quanto ao nome das crianças, consultava à folhinha e colocava o nome do santo do Dia, exemplo: nascidos em 20 de janeiro – Sebastião, em 12 de outubro – Aparecida, em 8 de dezembro – Conceição etc...

Nós são-tiaguenses, usufruímos desta tradição em nossa cidade, passada de uma geração a outra geração.

Aproveitamos para prestar um tributo a este Exemplar Cidadão Sr. Chico Luiz por esta bela iniciativa de levar aos nossos lares esta relíquia “Folhinha Eclesiástica” desafiando novos tempos, mantendo a tradição e direcionando nossas vidas. Sr. Chico Luiz, homem de porte elegante, fala mansa, simpático e atencioso com todos. Estava sempre presente em todos os eventos da comunidade. Era amigo pessoal do Zezé do Cartório, onde passavam longas horas contando casos e dando largas risadas. Pai exemplar, sempre rodeado pelos filhos. Dona Netinha, sua esposa, uma simpatia de pessoa, juntos batalhavam muito no comércio, deixando este importante legado para sua família. Um grande exemplo para nossa cidade.

Parabéns aos familiares pela continuação deste ato sublime de cidadania e carinho pelo povo de nosso município.

Maria Elena Caputo
Professora/Psicóloga



siástica sempre existiu por iniciativa do Sr. Francisco Luiz de Oliveira, já falecido, no seu comércio da Casa São Pedro. Pessoa ilustre que iniciou sua vocação comercial no povoado São Pedro da Carapuça vindo no início da década de 1960 para São Tiago. Inicialmente começou em um ponto de comércio ao lado do antigo Bar do João Aleluia, passando em 1969 para a loja atual. Noé Luiz de Oliveira (Nezico), seu irmão, veio posteriormente para ajudá-lo. Trabalharam juntos muitos anos, ambos com o mesmo idealismo e responsabilidade. Era com vê-los no balcão da loja conversando, trocando ideias, além de conversar muito com seus clientes.

O ENGENHEIRO INGLÊS JAMES WELLS E SUA PASSAGEM PELA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS ENTRE 1873 E 1875

PARTE II

Capela Nova de Betim – “Capela Nova de Betim é (...) longa rua de casas brancas e telhas vermelhas (...) situada proeminentemente sobre um morro alto, cercado de vales profundos e de morros mais altos e cadeias de montanhas” “se une a outra rua em ângulo reto ou melhor a uma longa praça aberta com filas de casas de portas e janelas amontoadas e uma igreja simples e caiada...” (p. 121). “Não há prédios muito velhos na vila, mesmo a igreja ainda não tem cem anos de idade. A população é estimada em torno de 2.000 habitantes” “As duas ruas principais formam um T, a intersecção sendo o topo do morro” (p. 124). “Capela Nova parecia-me um centro de civilização e refinamento (...) era sempre uma visão agradável a congregação de gente do interior decentemente vestida, tão ordeira, sossegada e bem comportada” (p. 144). “Há diversas vendas e armazéns de secos e molhados e ranchos abertos para tropas de mulas (...) uns poucos matutos em seus matungos esquilidos (...) poucas mulheres negras ou mulatas vestidas com saias de algodão e xales espalhafatosos e batas brancas, apregoando frutas ou doces em tabuleiros (...) uns poucos vadios nas vendas e armazéns...” (p. 122). Refere-se o autor aos teares domésticos que utilizam o algodão nativo para confecção de camisas, paletós, calças; as lojas de fabricação de viola e dos profissionais artesãos como pintores, pedreiros, carpinteiros “o último é, em geral, um sujeito habilidoso, pois fará desde um carro de bois (...) até a construção de uma casa ou ponte” (p. 124).

Mais curiosos e inoportunos - Acomodado no quartel-general, depara-se ao almoçar – refeição fornecida pelo boticário, sr. Ernesto “um indivíduo de aparência agradável e inofensiva, com cerca de 35 anos, aparentemente assolado pela praga de uma família numerosa de crianças barulhentas e uma esposa rabugenta...” (p. 122) com uma situação que lhe era já comum, em outros locais da região: a presença inoportuna, constrangedora de moradores desocupados. O almoço servido “em uma salinha nos fundos de sua casa (...) havia um grupo de vagabundos diante de sua porta, evidentemente esperando por nós (...) Quando entramos na casa, todos nos seguiram para o interior sujo dela (...) lá nos cercaram – uma falange de olhar fixo em nós...” Em suma, falta ou invasão de privacidade, o que leva o autor a buscar entender o fato: “Eles são inofensivos (...) somos alienígenas em um país estrangeiro, onde certos hábitos do povo parecem estranhos e desagradáveis para nós (...) Essas pessoas não tinham a intenção de ofender e nunca imaginavam que estavam sendo intrmetidas ou que sua presença pudesse não ser aceitável” (p. 123)⁽⁴⁾.

Instalado na Fazenda Mesquita – Elogios ao trabalhador sertanejo - Dia 03/03/1873, vê-se hospedado numa propriedade (Fazenda Mesquita), “velha construção térrea de paredes muito sólidas, feitas de brita grossa e adobe...” (p. 146), iniciou-se o trabalho de levantamento topográfico, que se daria de forma lenta, difícil dentro da floresta e com incidentes. Limpeza do mato, abertura de picadas, a travessia do rio Betim “a trilha subia uma montanha íngreme que se estendia até o Paraopeba” (p. 134). “Depois dos primeiros dias na floresta (...) muitas horas se passam lentamente, enquanto se aguarda o progresso demorado da picada pelo labirinto de cipós e sarça...” (p. 137). Elogia o trabalhador brasileiro: “Nunca vi os famosos desbravadores americanos, mas não acho que eles possam superar o habilidoso matuto brasileiro no trabalho geral de limpeza de florestas” (p. 136). “Um grupo quieto e ordeiro de homens (...) e outros tipos alegres em demasia” (p. 201).

“Oito dias após o início dos trabalhos, minhas malas e instrumentos chegaram de São José (...). Foi uma festa para meus anfitriões ver-me abrir malas e examinar seus diversos conteúdos (...) A excitação da novidade se estendeu por toda a fazenda e eu fui forçado a despachar do quarto uma superabundância de visitantes” (p. 138).

Relata a luta da equipe contra insetos e parasitos de toda ordem, em especial carrapatos (o que exigia banhos com solução à base de tabaco e água), marimbondos, varejeiras, além de infestações de sarna. Refere-se à prodigiosa fauna local – capivaras, tatus, pacas, preás, cutias, quatis, camaleões, por vezes capturados por caçadores, relacionando, ademais, inúmeras variedades de pássaros – melros, pombas, periquitos, joões de barro, sangue de boi, sabiás, inhambus, xexéus etc. (p. 140). “O solo do vale não é tão inteiramente fértil (...) profusamente salpicados de pedras de gnaiss e granito (...). Entre os blocos de rocha que aparecem nos riachos e nos campos e florestas estão o calcário, massas modulares de argila, minério de ferro (...) muitas variedades de quartzo e pedras, representando o ambíguo itacolomito”. (p. 141).

Relata o cotidiano dos serviços de limpeza do terreno: “os abridores de picadas seguem com o seu trabalho de demolição, limpando o terreno de capim, mato e arvoredos, cai tudo por terra...” (p. 142) e alinhamentos, a fim de “dar nova direção à picada, prosseguindo ao longo do dia (...) com o trabalho usual do teodolito, nível e cadeia” (p. 142). “...depois de ter sofrido o tormento de abrir a picada (...) ela terá que ser atravessada ainda muitas vezes para nivelar, renivelar, medir com a cadeia, tomar ângulos, fazer transversais...” (p. 149).

Santa Quitéria (Esmeraldas) – O novo comando central da companhia é instalado em Santa Quitéria, para onde desloca-se a equipe, acomodando-se em “...uma casa térrea de dez cômodos, grande e nova, com uma varanda ao fundo, dando para um quintal extenso” (p. 155). “...em Santa Quitéria há pouco que a distinga do tipo comum de arraial brasileiro: a maior parte das casas tem paredes de adobe caiadas e coberturas de telhas vermelhas, com portas e janelas pintadas de cores vivas e há muitas casinhas de pau-a-pique cobertas de sapé nos arredores, cada qual com seu quintalzinho” (p. 154). “Há umas poucas (casas) de caráter pretensioso, até mesmo sobrados de dois andares com vidraças (...) há um pouco mais de vida do que em Capela Nova (...) armazéns e vendas relativamente bem abastecidos. As ruas são irregularmente dispostas e saem todas da habitual praça, com sua igreja caiada em forma de celeiro. A população é estimada em torno de 2.000...” (pp. 154/155).

NOTAS

(1) *Saint-Hilaire que viajou por extensas áreas do território brasileiro, ao analisar a indigência verificada nos sertões, entendia que somente com a difusão do conhecimento e do progresso tecnoindustrial, da moral cristã, da instrução pública à população, a valorização do trabalho, faria com que o País – mal governado por pequena elite litorânea – se desenvolveria nos mesmos padrões europeus.*

Quanto à ociosidade e apatia dos moradores sertanejos, opinou: “E por que iriam eles trabalhar, quando suas necessidades ainda que mínimas, podiam ser satisfeitas. Nessas regiões, o isolamento liquida com a emulação e o calor do clima convida à ociosidade. A inteligência deixa de funcionar, a cabeça não raciocina mais e todos mergulham na mais lamentável apatia” (“Viagem às nascentes do Rio São Francisco” S.Paulo/B.Horizonte, Edusp-Itatiaia, 1975, p. 118).

“Companheira de todos os vícios, a indolência é uma das principais chagas dessa região (comarca do Rio das Mortes) (...) Existe até uma multidão de homens pobres e sem ocupação. Os que são casados cultivam terras alheias e se resignam a trabalhar alguns dias para viver, sem fazer nada o resto do ano. Os solteiros, que são em menor número, perambulam de casa em casa, vivendo à custa de compadres e comadres ou então saem para caçar, ausentando-se durante meses” (Auguste de Saint-Hilaire – “Viagem às Nascentes do Rio São Francisco” Itatiaia, 2004, p. 76).

(2) *De forma profética afirma o autor, sabendo-se ser Carandaí e região adjacente hoje um excepcional polo agrícola: “...esses distritos próximos da ferrovia deveriam ser colonizados (...) Pois se à primeira vista, o solo aparentemente estéril dos campos afasta os colonos, há todavia bosques ricamente irrigados e acreditado que os campos com irrigação adequada de qualquer dos numerosos cursos d’água, se mostrariam bastante produtivos. O clima é magnífico e as febres ou quaisquer doenças endêmicas são desconhecidas” (p. 94).*

(3) *Bandeirinhas, povoação pertencente ao município de Lagoa Dourada.*

(4) *O autor faz referência a outro curioso hábito mineiro, a linguagem ou uso do chapéu “...encontrei o senhor João esperando por mim, naturalmente com o chapéu na cabeça – que o povo da roça quase nunca se lembra de*

remover ao entrar em uma casa, todavia, o levantam, quase sempre ao serem cumprimentados ao ar livre” (p. 130).

“Todos saúdam nossos amigos, cada um de acordo com sua classe: os fazendeiros com um aceno de mão e um “Como está?” “Como passou?”; os proprietários menores com “Bom dia, senhor” e chapéus erguidos; os trabalhadores estendem a mão para uma bênção dizendo “S’cris” com as cabeças descobertas” (p. 182).

Os curiosos e desocupados, porém, estavam por toda a parte. “Uma casa vazia foi logo obtida para nos alojar e dali a pouco apareceram os ociosos. Eles se recostavam na porta, escoravam nas aberturas das janelas ou em qualquer coisa que lhes servisse de apoio”. (p. 290).

“De repente, a luz que vem da porta é obscurecida por uma figura escorada, que reclinava suavemente contra a ombreira da porta, frouxo como uma trouxa de roupa molhada (...) um outro e mais outro chegam e escoram o corpo em um cantinho conveniente ou um no outro...”. (p. 300).

“...a primeira coisa que chama a atenção do recém-chegado da Europa é a quantidade de gente que se vê em toda parte, apoiada ou reclinada em atitude de preguiça total, como se seus ossos tivessem sido extraídos dos corpos”. (p. 301).

“Eles apaticamente assistiam as nossas preparações para a noite, o homem acocorado sobre os calcanhares com os braços estendidos e os cotovelos apoiados nos joelhos”. (p. 309).

Hospitalidade e dignidade do Sr. Ignácio – Fala-nos o autor, com gratidão e respeito, do sr. Ignácio, em cuja tosca casa, após se perder certa noite, pernoitara, ali acolhido generosamente pelo sertanejo e esposa. “Meu anfitrião é um homem alto, de ombros largos, magro e musculoso (...) seu rosto, mãos e peito (...) estão profundamente bronzeados pela exposição constante do sol, seu cabelo é grisalho e enrolado, seus olhos penetrantes e claros, mas a expressão de seu semblante é peculiarmente franca e boa e, apesar da pobreza que o cerca, há um ar irreprimível de dignidade e gentileza naturais” “Ele me contou que fora antes um criador de gado em larga escala no distante Goiás, onde passou por grandes dificuldades e má sorte; perdeu seus filhos, alguns na Guerra do Paraguai, outros de doença, seu gado morreu e ele foi reduzido à miséria”

“Pobre velho sujeito, é tarde para começar a vida de novo, mas ele está cheio de esperança, coragem e energia. Será que ele vai conseguir? Sim, pelo menos sobreviver, pois suas necessidades são poucas e facilmente supridas e suas despesas insignificantes”. (p. 169).

Da Fazenda Mesquita a Tabuleiro Grande (Paraopeba)

Montando o “velho burro cinzento”, acompanhado por “meus dois escudeiros Chico e um matuto alto, Teixeira” “na manhã do dia 14/08/1873, despedi-me definitivamente das boas pessoas de Mesquita (...) todos os empregados se reuniram para desejar-me “boa viagem” e “até a volta, se Deus quiser”. (p. 167). “O velho e a velha estavam muito lacrimosos” “Permanecera ai quatro meses e meio (...) gastos nos levantamentos da área para dezessete milhas de ferrovia (...) uma linha de trem através de uma região excepcionalmente acidentada e coberta de florestas” (p. 167).

A caminho, em meio às matas, vales e morros e ao som de gritos de seriemas e estríbulos de cigarras, chegam “perto da ponte que está sendo construída em Porto dos Gomes, temos de parar para uma última xícara de café com o construtor e seus homens...” (p. 169). Passam por inúmeras outras fazendas, mencionando as de Dona Cândida e fazenda de Miguel Francisco, onde pernoitam. Descreve a dança fandango, por ele ali assistida (p. 170). Dia 16/08, achava-se em Santa Quitéria. Refere-se à “grande e importante fazenda de Santo Antonio, um prédio amplo e oblongo de dois andares com janelas envidraçadas (...). A fazenda, além da criação de gado, produz açúcar e rum (cachaça e restilo) (...) a propriedade era muito extensa, os escravos numerosos (...). Apesar do aparente ar de prosperidade (...) há uma ausência absoluta de conforto (...) nenhuma varanda, nenhuma trepadeira sobre os alpendres, nenhum canteiro de flores, as janelas não tem cortinas (...) nos campos abertos em frente, carretas quebradas e lixo...” (p. 173). O proprietário hospitaleiro “dá as boas vindas a qualquer dos moradores da região...”

Chegam a Uruçuia dia 17/08, hospedando-se numa “propriedade de beira de estrada, aninhada entre árvores...” “uma construção baixa e extensa de adobe com cobertura de telhas e dividida em diversos cômodos com portas abrindo para a fachada, como uma série de celas” (pp. 174/175).

Dali partem dia 18/08, bem cedo em direção a inhaúma “mais um dia de jornada por sobre os longos morros ondulados e através de trechos de mata e cerrado nos fundos dos vales...” (p. 175). Faz comentários

UM DOMINGO EM CAPELA NOVA DE BETIM

O dia de domingo era um evento especial e muito importante para os camponeses, dirigindo-se estes às vilas próximas para assistir a missa e visitar os amigos. Eis o relato de Wells acerca de um domingo na vila de Capela Nova de Betim.

“1º de março – Domingo de manhã. Realmente a vila apresenta uma certa aparência respeitável de domingo. A tempestade passou há muito, o dia está claro e cintilante, há um cheiro de frescor no ar e o lugar parece mais limpo, como se tivesse passado por uma faxina de noite de sábado. Há um movimento inusitado nas ruas, pois em lugar da aparência deserta habitual, elas agora são animadas por grupos de camponeses vestidos com suas melhores roupas, que vêm assistir a missa matinal; eles vêm a cavalo, sós ou de garupa, a mulher montada atrás do homem, ou vêm a pé; muitas das mulheres trajam a típica e antiquada capa preta de Minas, que dá a velhas e jovens a mesma aparência de anciãs; os homens estão todos vestidos com asseio, com paletós de algodão claro ou pretos. Muitos vieram a pé de distâncias consideráveis e, ao se aproximarem da vila, tanto homens como mulheres param para calçar os sapatos, reassentar os cachos oleosos e se “aprontar” de todos os modos antes de entrar na High Street de Capela Nova.

Ao se observarem os rostos dos camponeses que passam, muitas expressões boas, saudáveis, honestas e simples são vistas; mas também muitos semblantes pálidos, cabelos longos e grudados, untados com sebo derretido, a tez denotando dispepsia causada pelo consumo excessivo de alimentos gordurosos e indigestos, excesso de fumo, de bebida e de vida ociosa; mas alguns dos fazendeiros são sujeitos joviais e vigorosos. Muitos se dirigem para as casas de amigos, as mulheres todas desaparecem na igreja ou casas adentro, os homens se agrupam nos armazéns e vendas que estão sempre abertos todos os dias. O sininho rachado da igreja martela furiosamente (...) e os devotos se reúnem; as mulheres ocupam o interior e se acocoram sobre o chão ladrilhado; os homens se congregam em torno das portas e ao longo das paredes. Um velho padre entoava o serviço (...) a parte musical é executada pelas mulheres em tons dolorosamente altos, assistidas pela orquestra de dois violinos, um cornetim, trombone e tambor; mas é tudo bem organizado e talvez conduzido com mais sinceridade do que muitos ofícios dominicais em nossa terra. Acabada a missa, alguns vão para casa, outros vão visitar amigos da vila e muitos dos homens vão jogar. Afinal, que bênção deve ser esta pequena mudança para as pobres mulheres, trancadas como elas vivem, sem qualquer comunicação com estranhos e enterradas em tanta solidão de floresta e mato!” (pp. 129/130).

O domingo, na acepção do autor, é o único dia em que as pessoas paralisavam o serviço nas fazendas e compareciam à vila mais próxima” (p. 48).

sobre aves encontradas no caminho como seriemas e codornas. Presença “a fumaça das queimadas subia bem alta (...) morros cobertos de cerrado, cujo capim já tinha sido varrido pelo fogo; as esparsas árvores esmirradas, retorcidas e atarracadas (...) estavam carbonizadas e enegrecidas; o capim jazia em pilhas e tufo, como penas pretas que flutuam e redemoïnham no ar a cada sopro do vento...” (pp. 175/176). “O chão desprovido de vegetação rasteira ou capim...” “Pois o fogo tinha passado sobre a terra e os ventos carregado para longe os restos calcinados. Há milhas de terreno deste tipo, de aspecto totalmente hibernal” (p. 177).

Inhaúma, Fazenda da Lontra - As queimadas - Chegam à tarde em Inhaúma “que consiste em uma pracinha de cerca de 50 jardas quadradas, um lado da qual era ocupada por uma igreja, os outros por filas de casinhas de porta-e-janela. Ruas ramificavam de cada canto da praça (...) em um canto havia uma venda meio vazia (...) umas poucas árvores nos quintais...” (p. 176). Na manhã seguinte, deslocam-se de Inhaúma até a Fazenda da Lontra, cuja “casa era limpa, alegre e cômoda e coberta de telhas (...) um lugar bem moderno, todo novo e limpo (...) havia currais (...) vários negros ocupados em tarefas diversas (p.177). Há pernoitam. Partem, dia seguinte, acompanhados por um compatriota, Mr. D. Devido às queimadas e nuvens de fumaça, o ambiente se parece com o fog londrino. “À medida que avançávamos, passávamos por muitos incêndios nas roças e cerrados (...) resíduos de capim queimado e cinzas caíam à nossa volta e sobre nós em grandes quantidades (...) a atmosfera estava desagradavelmente abafada e opressiva” (p. 178). “A fumaça obscurece e torna amarelo o céu, há rajadas de vento que redemoïnham entre as árvores retorcidas e varrem para longe as folhas secas em colunas espiraladas e deslizantes de poeira e cinzas” (p. 185).

Córrego do Cedro (Caetanópolis) e Fábrica Mascarenhas - “Chegamos ao acampamento do quartel general sobre uma encosta às margens do córrego do Cedro” “acomodação limitada”, tanto que foram convidados por Mr. Nicholson, gerente de uma fábrica de algodão próxima, de propriedade dos srs. Mascarenhas, a se hospedarem em sua casa (p. 179). Descreve, deveras impressionado, as instalações, o modus operandi da fábrica, a “disciplina estrita e excelente” “ali mantida no local de trabalho, era uma cena inédita de se ver no interior de Minas” (p. 181). Fala sobre os fornecedores da matéria prima “o algodão cru sem limpar, entregue na porta pelos camponeses que cultivam pequenas plantações no vale vizinho do Rio das Velhas” “comprado por um preço muito baixo” (pp. 180/181).

Tabuleiro Grande (Paraopeba) – Comportamento pacífico das pessoas - Dali dirigem-se a Tabuleiro Grande, atual cidade de Paraopeba. “A vila fica graciosamente situada em uma planície elevada, cercada de serras e contém cerca de 600 habitantes. As casas são separadas e formam os lados de uma praça e as ruas que saem dela; no meio da praça há uma igreja limpa e bem cuidada em meio a um bosque de palmeiras de palmito” (p. 181) “as lojas e casas pintadas de cores berrantes” (p. 183). Localidade banhada pelas águas do Paraopeba “com muitas matas e diversas fazendas (...) enegrecida pela fumaça das queimadas” (p. 179).

O autor fala do comportamento pacífico do povo “Não havia brigas nem divertimentos barulhentos nem bebedeira; as pessoas eram ordeiras, solenes e muito “respeitáveis”. De fato, em nenhum país da América do Sul há camponeses de disposição mais pacífica do que estes de Minas Gerais; não há pronunciamentos nem revoluções nem escaramuças eleitorais por um presidente, como nas repúblicas vizinhas, mas ocasionalmente em algumas províncias ocorrem contendidas locais pela escolha de deputados concorrentes, que às vezes, terminam em incidentes fatais” (p. 183).

“Todos saúdam nossos amigos, cada um de acordo com sua classe; os fazendeiros com um aceno de mão e um “Como está?” “Como passou?”; os proprietários menores com “Bom dia, senhor” e chapéus erguidos; os trabalhadores estendem a mão para uma bênção, dizendo “S’cris” com as cabeças descobertas” (p. 182).

Sobre os trabalhadores sob seu comando: “Os homens que eu tinha então comigo eram um grupo misturado de sujeitos; bons trabalhadores eles eram, com certeza, mas havia um dois tipos muito arruaceiros”. (p. 190).

São diferentes, aliás, as visões acerca do trabalho; Wells o vê como atividade regular disciplinada, enquanto que para o sertanejo, o trabalho indicava uma série de funções desempenhadas sem correlação cronométrica, algumas sazonais (planta, colheita), negócios eventuais por ele realizados na feira (venda ou mesmo troca de queijos, ovos, aves por ele adquiridos com o seu próprio trabalho).

Fazenda da Picada – Desloca-se na manhã seguinte para a Fazenda da Picada, de propriedade do sr. José, onde instala o novo quartel general, tomando posse de seus novos aposentos no dia 25/08. “A aparência deste lugar mostrou que finalmente tínhamos alcançado o tão frequentemente mencionado sertão ou distrito pecuário, pois esta fazenda era evidentemente uma fazenda de gado, pelo grande número e tamanho de currais que a cercavam (...) ela era diferente de qualquer das fazendas que eu tinha visto até então” “fica no cimo de um morro coberto de cerrado fino” “a vegetação é densa e o solo úmido e rico produz um suprimento abundante de milho e feijão” (p. 184).

O sr José era homem “de maneira franca e direta (...) mostrou-me alguns cômodos vagos na fileira de casinhas diante de sua casa. Quando perguntei pelo aluguel, ele teve a bondade de dizer: “Oh, eu não preciso desses cômodos, não me servem para nada. Você é bem vindo a eles, por que eu haveria de cobrar aluguel?” (p. 184). “Eu sempre me lembrei do Senhor José como uma excelente pessoa, franco, honesto e viril” (p. 203).

Surpreendido com a atitude do fazendeiro, prossegue o autor com informações sobre “essas milhas de longos morros ondulados, todos cobertos com a vegetação esparsa dos cerrados. A nova secção, dada a natureza da região, “numa extensão de treze e meia milhas ocuparia setenta e oito dias de levantamento. “O solo duro, de argila amargosa (...) folhagem é geralmente seca, dura, áspera e quebradiça” “há uma boa quantidade de capim duro (...) que se tornam secos e acres que não tem utilidade para fins pastoris, mas depois de queimado, antes das chuvas que normalmente começam em setembro e outubro, o capim rapidamente brota verde e tenro, fornecendo um excelente pasto para o gado” (p. 196) Esclarece ser a “região escassamente povoada” “não há desfiladeiros ou terrenos inclinados, o que facilitava o trabalho dos técnicos e operários”.

Mais um “desocupado” – Novamente, o autor faz menção à mania de “desocupados” e “enxeridos”: “O irmão (do proprietário da fazenda da Picada), senhor Antônio (...) passa a maior parte de seu tempo em meu quarto (...) Ele se contenta em sentar-se lá e me observar pacientemente ou pegar a examinar qualquer coisa que lhe atraia a curiosidade (...) Uma vez lhe perguntei se ele nunca fazia nenhum trabalho.

- Oh, sim, eu trabalho, respondeu ele.
- Onde?
- Nas roças ou aqui pela fazenda ou faço algum negócio na vila.
- Quando?
- Às vezes em quando... (pp.189/190).

Curioso observar que Wells questiona o sr. Antonio “se ele não fazia nenhum trabalho” ao que este respondeu trabalhar nas roças da vizinhança, provavelmente nos períodos de planta, capina e colheita das lavouras; na fazenda do irmão onde morava ou algum negócio que fazia na vila, podendo ser a venda de gêneros alimentícios adquiridos com o próprio trabalho (queijos, galinhas, porcos etc.) ou a troca ou compra de outros utensílios (catiras). Na visão padronizada do autor, não configurava “trabalho”...

Festa de casamento – Convidados os ingleses da companhia para uma festa de casamento, o autor faz (pp. 193/199) longo, minucioso e curioso relato a respeito da cerimônia, dos costumes locais, comes e bebes, o ritual dos discursos e coreto (p. 197) e ainda danças como o batuque. (p. 199).

Narra que em uma roda, um tagarela, uma espécie de “orador” do lugar, explicava aos convidados presentes sobre os ingleses, seus costumes, hábitos, religião etc. Os conceitos mais excêntricos e que fazem parte do estereótipo popular sobre estrangeiros. Dizia o tagarela:

“Todo o dinheiro do mundo vem de seu país (Inglaterra). Quando nosso rei precisa de algum, manda buscar na Inglaterra e depois deixa os ingleses virem para cá e levarem o ouro do Brasil e que nós não sabemos nós mesmos extrair; eu estive em Morro Velho e os vi despachando o ouro em sacas como fazemos com o feijão” (p. 194) “Eu sei que esta ferrovia está sendo feita unicamente para carregar o ouro que eles vão cavar em alguma mina pelo sertão, da qual ninguém tem notícia (...) fabulosas quantidades de ouro que seus compatriotas estão extraindo das minas” (p. 194).

Lugar denominado “Paciência” - “O trabalho estando completo nas cercanias da Fazenda da Picada”, o autor no dia 26/09 muda-se “para outro alojamento mais abaixo, para uma velha casa abandonada em ruínas em uma localidade chamada Paciência”, “o mais desolador dos lugares que eu jamais vira” (p. 199) “uma solidão absoluta”, “lugar infestado de cobras, escorpiões, lagartos e outras coisas rastejantes” (p. 200).

“Em frente, sobre uma encosta, ficavam as ruínas de um velho cemi-

tério” (p. 199) “...a aparência desolada e agreste do lugar, a abundância de répteis, a proximidade do cemitério, o ambiente todo tinha um aspecto tão sinistro que os homens evocavam superstições variadas e queriam partir, dando-me muito trabalho para convencê-los a permanecer” (p. 200). “A vizinhança do cemitério era sempre uma fonte de terror para eles, que não saíam das imediações da casa a não ser acompanhados por um companheiro” (p. 201).

A fazenda do magnata Mascarenhas - “As linhas de levantamento passavam perto do sopé da Serra dos Gentios” “com seus escarpados penhascos castanho-cinzentos” “o vale largo e extenso cheio de roças novas e velhas, pertencentes a diversas fazendas, às vezes milhas de distância” (p. 200). Relata a presença de cobra jiboia (p. 201), a visita à fazenda do magnata local, sr. Antonio Gonçalves de Mascarenhas “casa bem arrumada exibindo sinais evidentes de prosperidade e riqueza rural” “casa grande de dois andares com escadas levando a uma varanda espaçosa em seu andar de cima” “fomos conduzidos para o segundo andar, onde um cavalheiro idoso de cabelos brancos, muito alinhado, que nos recebeu gentilmente”. Chamou a atenção do autor “ao longo da varanda e em um jardim ao lado havia (coisa rara) flores europeias bem cuidadas, clematites, rosas, camélias, gerânios, fricicias, verbenas, o estefanote tropical, a flor do imperador e muitas outras flores “tendo o proprietário esclarecido tratar-se de “coisa à toa”, “é a ocupação de minha mulher, é ideia dela” (p. 202).

Nova visita ao sr. Antonio Gonçalves Luiz Mascarenhas na Fazenda São Sebastião: “Velho cavalheiro” “senhor inteligente e bem falante”, onde o autor é muito bem acolhido, ali se hospedando por uma noite. “Quando me levantei de uma cama limpa e confortável, em um quarto bem arrumado, senti instintivamente que estava dando um longo adeus a tais luxos. Só quinze meses depois, tornei a ver outra habitação realmente humana, a de Macombo, no Rio São Francisco, próxima a Januária” (p. 204 - nota). Elogios ainda ao industrial sr. Mascarenhas por sua “energia e perseverança” pela ideia de montar a fábrica de algodão perto de Tabuleiro Grande, onde estão enriquecendo rapidamente” (p. 204).

Ida para Meleiro - “No dia 15/11, acompanhado por dois camaradas, Teixeira (de Mesquita) e Antonio Eugênio, iniciei a viagem para o quartel general de Meleiro (...). Despedi-me de meus amigos da Picada com muitas trocas de votos de felicidade, pois eles tinham sido extremamente bons comigo” Afastava-me da “desolada e dilapidada Paciência (...) sem qualquer sentimento de melancolia” (p. 203).

Imaginário sobre o sertão - “Em diferentes lugares, as pessoas, ao saber de nossa prolongada expedição, tinham prognosticado perigo, desastre e morte, seja nas mãos dos foras-da-lei, índios selvagens, febres, inanição, cobras, onças etc assim que chegássemos ao sertão bravo” (p. 204). Sempre que o autor e comitiva alcançavam novas localidades, ao perguntar se ali era o sertão, ouviam sempre a mesma resposta: “O sertão é mais para baixo” (pp. 204/205).

Buriti Comprido (hoje São José do Buriti) - Seguindo viagem, refere-se ser o itinerário “solitário” “cheio de voltas”, sem presença humana, região de “cerrado fino e esparso mais arbustos que árvores”. O quartel general seguinte foi instalado em Buriti Comprido (atual São José do Buriti, distrito de Felixlândia), a bagagem transportada por “cerca de uma dúzia de mulas de carga e de sela e seis carros de bois, cada um puxado por dezesseis bois (...) as únicas criaturas quietas a ruminar com fisionomias sérias e pensativas” (pp. 208/209).

Arraial do Bagre (Felixlândia) - “Tommy, o velho burro cinzento, estava em excelente condição e seguimos a meio galope pelas poucas milhas a cobrir “Foi uma cavalgada de hora e meia em campo aberto” (p. 209). “Chegando ao nosso destino, encontramos um imenso rancho de quarenta por vinte pés, pronto para ser ocupado, dividido no meio por uma divisória de paus...” (p. 210). A comitiva dirige-se, a seguir, para Bagre (atual Felixlândia) “um vilarejo em forma de praça quadrada, situado no cimo de um platô arredondado”, hospedando-se em um “hotel” de propriedade de um italiano, sr. Pedro Pinto, “anfitrião educado e obsequioso”.

Ociosidade - “O arraial (...) compreendia cerca de cinquenta a sessenta casas” com “a indefectível venda ou armazém geral da aldeia” “Uma igreja inacabada ocupava o centro da praça” longe de ser completada e parecia no máximo um celeiro inacabado” (p. 212). Registra o autor “as portas abertas das casas mostravam a sórdida desolação habitual - não fazer nada, fumar e conversar, parecia ser a ocupação principal.

É realmente incrível, nesses arraiais, ver o número de pessoas ociosas, desocupadas, recostadas, acoradas, bocejando terrivelmente, vencidas por um tédio perpétuo e uma vida sem objetivo” (pp. 212/213).

Em direção a Moquém e Buriti Comprido - A caminho de Moquém e dali a Buriti Comprido, o autor se refere às “poucas casas e fazendinhas no meio do caminho” “anfiteatros de morros verdes que se escondem precipitosos até as margens do largo Paraopeba” “vales estreitos, fundos e precipitosos” “longos bosques de buritis e grupos pitorescos de matas de pindaíba congregam-se nas nascentes e vales” (p. 214). O autor procede ainda a reflexões: “Neste canto perdido de Minas Gerais, longe das estradas principais e do curso de tráfego, surpreendeu-me encontrar mesmo a pouca população que havia, mas os sítios são todos estruturas modestas de pau-a-pique, com coberturas de telhas ou sapé sobre as paredes de barro e as varandas abertas, as últimas funcionam como local de negócios, descanso, depósito, refeições, lixo e trabalho, pois há redes, bancos rústicos de madeira, selas, rédeas e couros crus e pilões...” (pp. 214/215).

“Parei em muitas das casas para indagar sobre trabalhadores; em todo lugar era recebido com gentileza e um café ou vasilha de leite eram geralmente servidos. Alguns dos fazendeiros eram pessoas francas e joviais, cheias de pilhérias, curiosidade e brincadeiras; outros eram indivíduos indiferentes e dispéuticos, murchos e amarelos, para quem a vida parecia uma existência tediosa e que tentavam matar o tempo fumando perpetuamente seu cigarro e dormindo em rede”.

Insalubridade da região - Inaléncia de moradores - “Havia muitos sinais nas faces arroxeadas e lábios exangues de muitos habitantes da existência da malária. Escolhi uns poucos homens para trabalhar comigo, mas foi-me dado a entender que estavam fazendo um grande favor em entrar a meu serviço. Um homem que cochilava em um banco, em resposta à minha pergunta se ele queria ou não trabalhar para mim, deu um terrível bocejo e disse que talvez em uma semana ou duas pudesse ir, mas que agora estava muito ocupado; ele parecia ter passado uma semana dormindo” (p. 215).

Buriti Comprido e Extrema - Descreve Buriti Comprido como “localidade pitoresca” “perto dela havia um pequeno sítio de criação de gado” “o cerrado bem próximo continha vastas quantidades de mangabeiras carregadas de deliciosos frutos” (p. 216).

No dia seguinte à chegada a Buriti Comprido “juntei meus homens, oito ao todo e saí (...) para montar um novo acampamento, tendo escolhido “um casebre abandonado e em ruínas” “a seis milhas para o norte em um pequeno sítio, nas imediações do córrego d’Extrema” “localidade que sugeria a ocorrência de febres” “em um ou dois dias, a cabana estava terminada e a minha bagagem instalada” (pp. 218/219). Dali o autor vai conhecer o Rio São Francisco, alcançando-o em “um pequeno desembarcadouro” no “lugar conhecido como Porto da Povoação e que leva a um velho arraial de mineração do outro lado do rio, Morada Nova” (hoje Morada Nova de Minas). Desaponta-se inicialmente com o rio, sobre o qual de tão falado, tinha “loucas fantasias” (p. 218).

O Rio São Francisco - Primeiro Contato - “A primeira vista do rio foi sem dúvida desapontadora. Uma corrente plácida de cerca de 1000 pés de largura, de águas turvas com a consistência e cor de uma sopa rala de ervilhas. As margens eram altas e precipitosas, cobertas com muitos depósitos de lama pegajosa; rio acima e rio abaixo, elas eram atapetadas com um cinturão ininterrupto de floresta com árvores grandes, pequenas, arbustos, festões suspensos de trepadeiras e convolvuláceas; aqui e ali, as águas tinham solapado as margens, e imensas árvores tinham caído e estendido suas formas esqueléticas cobertas de lodo, como os ossos de algum monstro. Os mosquitos eram lépidos e assobiavam suas lúgubres notas à nossa volta, o ar estava quente e opressivo, havia um cheiro e uma sensação penetrantes de lodo, as folhas dos arbustos mais baixos, as folhas em decomposição no chão da floresta, as toras velhas e troncos mortos eram cinzentos de lama depositada de antigas inundações; e além das longas faixas de mata havia longos trechos de capinzal pantanoso, contendo aqui e ali poças de água estagnada; mais para longe, a terra se eleva, às vezes em suaves aclives, às vezes em precipitosas penhas cobertas de capim, até os altos tabuleiros que encerram o vale do rio. Na base, esses penhascos aparecem novamente compridos cinturões estreitos de floresta. O calor se irradiava em raios tremulantes, desde os pântanos úmidos em evaporação; uma quietude opressiva reinava, os pássaros eram poucos e silenciosos, mesmo o zumbido de insetos mal era perceptível, apenas o murmurejar do rio ao correr sobre um tronco submerso ou o pulo ocasional de um peixe, perturbavam o silêncio que fazia o calor parecer mais sufocante - um

calor úmido, como um banho de vapor, que fazia as roupas da gente grudarem de tão molhadas” (p. 218).

No acampamento do Córrego d’Extrema – No acampamento, dois grandes aborrecimentos: um, os batalhões e nuvens de mosquitos “entoando canção furiosa em volta da cabeça, picando mãos, pernas, rosto, pescoço, atravessando com suas verrugas os panos e roupas de flanela...”. O problema só seria solucionado com “um remédio excelente e infalível (...) uma fogueira de estreme de gado seco no chão do rancho” “o desprendimento da amônia (...) afasta os insetos”. Outro, a presença de gado à noite em torno da cabana, para lá atraído, dada a deficiência de sal nas gramíneas e vegetais da região, “mugindo, esfregando-se contra as quinças das paredes, destruindo continuamente o teto de sapé (...) bufando e berrando desesperadamente em busca de sal ou algo salino” “mastigavam tudo: pedaços de varas e paus que os trabalhadores carregaram, botas e roupas velhas... A solução foi construir “uma cerca em volta da cabana”, tendo todos, porém, que “suportar os berros e concertos noturnos” (p. 219).

Presença da malária -Enfatiza a incidência da malária “a mata infestada de mosquitos e pântanos e o calor intenso e úmido do vale do rio” (p. 222) “os homens insistem em beber a água estagnada dos pântanos (...) em poucos dias os resultados naturais se seguiram (...) fadiga e dores de cabeça seguidos logo depois por ataques de febres” sobrevivendo “estágio de prostração”, a que o autor combate e contra-ataca com ministrações de ipecacuanha, óleo de mamona e quinino com “resultados tão bons que muitos homens voltaram a trabalhar em um ou dois dias...” (p. 220).

Pobreza reinante – o hábito de apertar a mão - Reitera o autor: “o solo é extremamente pobre” “vegetação seca, acre, rasteira e mirrada que cobre todos estes morros do Alto São Francisco”. Os moradores do sítio “todos extremamente pobres, suas roupas eram andrajosas, as casas esqueléticas ao extremo e sua alimentação simplesmente a produção vegetal da roça” “trabalhavam para mim, de vez em quando, para ganhar uns poucos mil-réis”. Tinham (os moradores) o hábito de visitar o autor em alguns domingos. “Os homens vinham (...) com suas camisas mais limpas, paletós e calças de algodão branco (...) A mulher mais velha de meia idade, pálida de tez amarelada era muito loquaz, monopolizava a conversação; as três mais jovens eram muito atraentes, mas tímidas e só respondiam com risotas quando eram interpeladas...” “Havia muitos apertos de mão, pois neste país livre, onde todo homem vale o mesmo que seu vizinho, todos apertam a mão de um estranho, mesmo um trabalhador quando vem pedir emprego” (pp. 221/222).

Buriti Comprido - a luta contra as doenças - Novo acampamento na foz do Buriti Comprido. “A cabana fora levantada no topo de um morro, dando vistas para os longos brejos verdes e matas à beira rio” (p. 223) “o trabalho nessas matas e na atmosfera quente e úmida dos brejos era muito estafante (...) mais e mais homens caíam, vítimas da febre e do sezão (...) além de picadas por mosquitos, marimbondos, abelhas e espinhos e sarças venenosos” deixando as pessoas com “uma fisionomia abatida, pálida e tremores pelo corpo” “Vários voltavam ao trabalho nos intervalos dos ataques, mas muitos partiam para suas casas e muito tempo valioso foi perdido por insuficiência de mão de obra e por eu ter de vasculhar a região em busca de outros homens” (p. 224). “Foi todo de longa e cansativa a luta contra o clima. Todos os engenheiros caíram com febre; nenhum dos meus homens tinham escapado (...) todos os meus antigos seguidores de Tabuleiro Grande foram dados como inválidos (...) a maioria dos homens voltava para casa e seis deles, eu soube, morreram mais tarde...”

Viu-se o autor abandonado pelos trabalhadores, além de acompanhar e assistir seus companheiros ingleses e assistentes enfermos. Relata ter que conduzir, a duras penas, seu “assistente BG, gravemente doente” até Bagre, a fim de ali receber melhores cuidados, vindo o mesmo a se recuperar. Recompõe sua equipe: “foi necessário passar dois dias em Bagre, antes de conseguir juntar um novo grupo de homens” (p. 227). No dia 05/04, achava-se “o trabalho da área do Buriti Comprido inteiramente acabado”, onde o autor e equipe tinham permanecido por quatro meses. Partem para novo acampamento a cinco milhas adiante em Riacho da Porta, “lugar sombrio e solitário”, onde edificam “ótimo rancho”. A mudança feita num domingo e sob censura dos trabalhadores, seria desastrosa, com vários incidentes e prejuízos (p. 238).

O Cão ‘Feroz’ – BG, assistente do autor, “comprara um cão por

quinze mil reis e o achava tão bravo, tão selvagem e incontrolável que o oferecera a mim” “Era um esplêndido espécime de cão tipo sabujo (...), nariz bastante pontudo, focinho e boca pretos (...) peito largo” “Ele era o que se conhece como cachorro de tropeiro do Rio Grande do Sul e respondia pelo nome de Feroz” “Após dominado, ele se tornou para mim, a partir daí, um companheiro muito fiel e inteligente (...) do mais fino feroz” “e seguiu-me por todo o Brasil até a costa” (p. 228).

O autor adoece – O autor acaba também por adoecer com “febre e calafrios” tendo que se acamar. Melhorou com medicação à base de quinino, repouso e a assistência de seu criado Adão, passando a ocupar-se “com trabalho de escritório”. Opina (o autor) que as febres endêmicas (maleita e sezão) naquelas regiões do vale eram ocasionadas pelas “águas represadas que inundam as terras baixas adjacentes e formam pântanos” e que poderiam ser exterminadas “através da construção de escoadouros ou drenagens para o rio na descida das águas e o vale poderia se tornar não apenas (como na verdade o é) fértil, mas também salubre” inútil, contudo, segundo o autor “esperar tal esforço do matuto brasileiro” (p. 232).

Mais considerações sobre o trabalhador brasileiro – Ao vistoriar as atividades dos trabalhadores no eito, “entrando na mata pelas picadas (...) as passagens ainda não desentulhadas, ao fim das quais os homens estão trabalhando, um ou outro tirando uma folga encostados em uma árvore, com um espinho muitas vezes imaginário no pé ou enrolando um cigarro como desculpas por sua ociosidade” (p. 234).

“O longo e monótono dia de trabalho com teodolito, nível e cadeira; molhados e grudando de suor, amolados pelos insetos (...) cruzando muitos riachinhos” “trabalhando até o pôr do sol” “tarefa sem fim, pois o progresso é muito lento através de milhas e milhas de matas” (p. 235)

Faz curiosas observações sobre o(s) matuto(s). “Eles são bons sujeitos quando os compreendemos e cumprem um pesado e paciente dia de trabalho, desde a manhã orvalhada até o anoitecer orvalhado, umas boas doze horas de trabalho” (p. 235).

Dificuldades de suprimentos – As dificuldades de suprimento das provisões, muitas vezes, mandadas buscar a várias milhas de distância: “Era frequentemente necessário comprar mais do que o exigido, pois se a quantidade exata de seu valor não fosse enviada, o troco tinha de ser recebido em mercadoria, devido a grande escassez de dinheiro ou troco entre os habitantes. Só indo até a vila de Bagre, a 40 milhas de distância, se podia obter troco para 100 mil réis (L10); era necessário mandar buscar em outra direção a vinte milhas de distância, a carne seca, o café, o açúcar e a cachaça; 16 milhas para outro lado para conseguir farinha e arroz e ainda assim, muitas vezes o mensageiro não encontra o que foi buscar” (p. 236).

Causa da pobreza reinante – “Não existe indigência absoluta (o que é praticamente impossível) mas todas as pessoas são muito pobres e com dificuldade obtêm meios suficientes para adquirir aqueles itens que suas terras não produzem. A região é tão generosamente dotada de vales úmidos de floresta e de rios que não importa quão seca seja a estação, pode-se sempre encontrar pasto e a agricultura floresce. A causa da pobreza vem do próprio povo, que por gerações de vidas não teve qualquer estímulo ao trabalho regular e, como todos produzem as mesmas coisas, sabem que se a demanda dos pequenos mercados locais for ultrapassada, os preços não serão compensadores. Se a estação não foi boa, aqueles que por sorte tem algum excedente do qual dispor são compensados por preços altos; se foi boa, eles acumulam estoques para a estação seguinte de feijões, milho, farinha etc. mas recebem pouca compensação por seu excedente quando todos estão nas mesmas condições e não precisam comprar ou permutar. Uma ferrovia seria um grande benefício para eles, mas eles não podem (a menos que ocorra a imigração) pagar pelas despesas de mão de obra com sua produção coletiva. São, regra geral, pessoas calmas e inofensivas, hospitaleiras para com o estranho, que é bem-vindo à acomodação e alimentação rudes que suas casas pobres podem fornecer. São bons para suas famílias, especialmente os velhos, mas as crianças crescem selvagens, mimadas e sem qualquer bom preceito moral. Os meninos seguem o exemplo de seus pais e as meninas o de suas mães e assim, geração após geração, se passa sem que se adquiram novas ideias de progresso e ouve-se por toda parte a resposta invariável a qualquer sugestão de inovação ou melhoria: “Não estamos acostumados”. (p. 236).

“Todo doutor é médico” – Viu-se o autor, chamado de “doutor”, assediado por moradores que visitavam os ranchos onde estava acampado, julgando-o médico, com pedidos de medicamentos ou mesmo “empréstimos de uns mil réis para o inevitavelmente doente em casa ou para algum remédio” “Inferem que todos os doutores devem ser

médicos” “Em vão que lhes digo que não sou médico e não tenho um estoque de medicamentos”. “Foi providencial eu não estar munido de uma maleta de médico em minha bagagem, pois eu acredito que teria matado um bom número de pessoas, que certamente beberiam as loções e aplicariam externamente uma poção negra”. Acrescenta ainda o autor em uma nota à margem. “No Brasil, os engenheiros nacionais têm de obter um grau de bacharel e recebem por cortesia o tratamento de “senhor doutor” (p. 237).

Novos roteiros – Fazendas Saco Grande e Gameleira – No dia 25/06/1874, o autor desloca-se para novo local, onde pernoita. Uma fazenda pequena e isolada, conhecida como Saco Grande, situada no “fim de uma longa depressão aberta que se estende desde o rio”, de propriedade do senhor Rozinho. Dali seguem passando pela fazenda Gameleira “que encontramos deserta”. São forçados a seguir adiante. O autor, adentado e febril, e seu companheiro Adão vêm-se forçados a dormir ao relento, “debaixo de chuva, tremendo de febre e calafrios e cercado de uma escuridão total no meio de um campo sem abrigo numa noite fria” (p. 243). Após percalços e extravios, chegam “umas cinco milhas adiante” ao acampamento denominado Martinhos, onde são acolhidos por Alfonso, um criado italiano a serviço do Sr. W, este inglês e companheiro de equipe do autor. Tanto o autor quanto o sr. W acham-se com crises de febres e calafrios.

Na manhã seguinte, contudo, seguem viagem por uma “estrada terrivelmente acidentada” “o terreno dos campos (...) pontilhado de árvores mirradas”, passam por um rancho em Sumida, dali ao acampamento em Cirga, onde se hospedam. Dali, acompanhado de C, prosseguem viagem, passando pela fazenda do Saco, atravessam o Rio Taperá, onde serão instaladas as cabanas (novo acampamento).

Padres – O autor é severo para com os padres das localidades, a quem denomina “imorais”, pois levam as pessoas, via de regra simplórias, apenas a conceitos religiosos estreitos, mecânicos, como a observação de normas e cerimônias e que pouco ou nada influenciam a vida moral ou mesmo ajudam as pessoas a se melhorarem social e culturalmente.

O sr. Rozinho era homem de grande convicção religiosa, que atribuía aos seus pecados o fato de suas lavouras terem sido destruídas, mas também preservava ferreamente seus direitos e a defesa da honra de sua família. Retirar sua propriedade, embora desconhecesse a sua extensão, seria destruir a memória de seus pais e sogros de quem herdara e roubar-lhe o local e o meio de prover o sustento de seus filhos e o futuro dos netos (p. 241).

Para ele, pecado era o não cumprimento de suas obrigações de cristão, não rezar nas horas determinadas, não batizar os filhos e não assistir as missas.

Em caçadas e estafantes serviços de abertura de picadas nos córregos da região fala da caçada de macacos guaribas. Uma fêmea com cria fora abatida por eles “O filhote não se ferira” “foi alimentado com leite e farinha” “batizamo-la Dona Chiquinha e ela permaneceu comigo e acompanhou-me em minhas viagens posteriores” (p. 253).

Relata os exaustivos trabalhos de abertura de picadas nas matas do Carambola e regiões dos córregos do Jatobá e do Cambaúba “que foi cruzado pela primeira picada não menos que seis vezes” (p. 257). O córrego da Catinga “que causou-me bastante dificuldades para evitar travessias repetidas, pois seu curso serpenteava e dava voltas entre a mais densa das selvas” terminando no córrego da Bandeira” (p. 258). “A totalidade da extensão foi de 11 milhas e um quarto de comprimento e ocupou sessenta e oito dias para completar as medidas e as plantas” (p. 258). “Durante a última parte do levantamento, foi erguido outro acampamento no Córrego do Cambaúba (...) construído em uma pequena clareira (...) próxima à estrada pública que acompanha o rio” (pp. 258/259).

Lavras de diamantes – “Todo este distrito, desde o rio Abaeté, rio acima, a Pirapora, rio abaixo, é uma região diamantífera” (p. 259) “O Rio Abaeté (...) já produziu alguns dos diamantes mais famosos do Brasil, além de ricas minas de minério de chumbo, prata...” “No Abaeté, as lavras de diamantes que ainda existem são trabalhadas de forma rude e simples” por “uns poucos trabalhadores denominados garimpeiros (...) os achados são poucos e raros como se poderia esperar de um sistema tão primitivo” (pp. 259/260). “No Rio Taperá, nas margens, baixios e pedras do Rio São Francisco, neste ponto, a formação diamantífera é frequente e qualquer um que já a tenha visto do mesmo modo que com a formação do ouro aluvial de Minas, raramente se engana” (p. 260).

Relata os incidentes com a “remoção de meus objetos domésticos

de Taperá até minha residência em Cambaúba...” por “um carro de bois velhíssimo e dilapidado e seis bois” “gado novo em más condições e sem treino para o trabalho”. A viagem em meio a “uma tal gritaria dos homens” “os animais puxavam em direções opostas” “os diversos córregos que cortavam a estrada eram cenários de grande excitação e confusão. Em certo trecho difícil “a bagagem teve de ser retirada pelos homens e carregada sobre suas cabeças barrancos acima” “A distância total era de apenas sete milhas e todavia foram necessários dois dias para percorrê-la” (p. 262).

Viagem de canoa até Pirapora - Descreve a viagem “descer de canoa até Pirapora e aluguei para este fim uma canoa escavada no tronco de uma única árvore e uma tripulação de dois remadores” “aos primeiros clarões da madrugada do dia 24 de setembro” (p. 263). Fala das águas que em alguns lugares “comeram partes das barrancas e fizeram cair os troncos imponentes” “corredeiras pequenas” “baixios e espriados de seixos redondos de formação diamantífera” “Passamos por diversos casebres ribeirinhos, lugarezinhas insalubres, sujos, decadentes e invadidos pelas ervas (...) prontos a desabar de tão decrépitos; eles são como feridas feias na vivida paisagem onde a natureza é tão linda e generosa e pronta para pagar com tanta liberalidade o resultado de um pequeno esforço” (p. 264).

Exalta enfim o feito dos remadores: “Apesar da intensidade do calor, a tripulação seguia labutando sem esmorecimento, de um modo que só podia despertar a admiração” “Os sujeitos pareciam muito relaxados e frescos e nem um pouquinho fatigados. É tão estranho que estas pessoas geralmente tão preguiçosas e dissolutas possam ocasionalmente ser capazes de um tal ímpeto de trabalho extremamente duro como este, sustentado sem uma pausa por nove horas, com exceção apenas do pequeno intervalo para o desjejum” (p. 264).

O autor se espanta em relação à capacidade dos remadores de trabalhar horas seguidas, a partir da pressuposição e análise – preconceituosa ou atabalhoada - de que os sertanejos eram preguiçosos, lidando assim com o trabalho e o tempo a seu modo (dos remadores) e não com aspectos inter-relacionados, metodizados, inerentes à vida na acepção do autor.

Sobre as mulheres de Pirapora escreveu serem “todas morenas e desgraciosas; as velhas pareciam verdadeiras bruxas” (pp. 268/269).

A partir de Pirapora, o autor e comitiva deslocam-se em direção a Coração de Jesus, relatando, dentre outras, a passagem pelo Guacui e a foz do rio das Velhas, o arraial de Porteira (hoje Manga), os tabuleiros do rio São Francisco, a travessia do rio Jequitai inundado, ao lado de fazendas algumas prósperas e outras abandonadas (pp. 277/292) De Coração de Jesus dirigem-se a Contendas (Brasília de Minas), relatando o encontro com ciganos, dificuldades e contratemplos no percurso, o rio Pacui, a pobreza e indolência dos moradores (pp. 293/302) e de Contendas a Januária, passando por localidades como Pedras de Maria da Cruz (pp. 303/315).

Moradias -Sobre as moradias interioranas, em especial no norte mineiro, Wells constrói a ideia de miserabilidade “Algumas dúzias de casinhas de pau a pique, velhas e dilapidadas” (p. 265). “Casebres de pau a pique e palha dilapidadas, caindo aos pedaços” (p. 267). “Os sítios são todos estruturas modestas de pau a pique com cobertura de telhas ou sapé sobre as paredes de barro e as varandas abertas; as últimas servem como local de negócios, descanso, depósito, refeições, lixo e trabalho, pois há redes, bancos rústicos de madeira, sela, rédeas e couros crus velhos, pilões – tudo poeirento, velho e sujo” (pp. 214/215).

Os sertanejos utilizavam-se de materiais do próprio meio – palha, barro, madeira etc. – para construir abrigos e espaços de proteção para suas famílias e onde também armazenavam os objetos de trabalho. Nesses espaços conviviam a alimentação, o descanso, o lazer e utensílios de trabalho. Tudo prático, frugal, funcional.

Batuque – Wells faz inúmeras observações sobre danças e folguedos por ele observados e até mesmo compartilhados ao longo de seu itinerário, dentre eles o batuque, inicialmente dança praticada por africanos, tendo sofrido alterações/transformações ao longo do tempo, estendendo-se a todos os grupos. Segundo Wells, o batuque era uma dança apreciada por tropeiros, trabalhadores em geral, habitantes das vilas, fossem negros livres, mulatos, mestiços, brancos pobres, escravos. P. 171. Em sua passagem por Contendas, reitera o autor: “Com o decorrer da noite, os sons do batuque passaram a ser ouvidos em muitas das casas. Esta é a única recreação das mulheres em que elas e os homens realmente se esforçam; a noite toda se ouviram suas notas agudas e nasais, a batida e o arrastar de pés e o ritmo das palmas” p. 302.

(PARTE I PUBLICADA NO BOLETIM S. S. Nº CLXXIII – FEV./2022)

EXPRESSÕES

“BRIGA DE FOICE NO ESCURO”

Uma antiga expressão, diz-se de origem mineira e teria surgido nos bailes interioranos e pagodes sertanejos, muitos realizados às escuras, no mais puro breu, até hoje muito utilizada para caracterizar tipo de briga ou situação em que os protagonistas são invisíveis ou se fazem de desentendidos ou como se nada tivessem a ver com o fato.

Uma briga em que se utiliza foice como ferramenta ou arma no escuro, às cegas ou a esmo e de resultados imprevisíveis. Qualquer um que esteja por perto poderá ser decepcionado, independentemente de ser o alvo ou não.



Expressão que aparece em letras de músicas como “**FIM DA PICADA**”, celebrizada por Tião Carreiro e Pardinho.

Fim da Picada

Barranco de lado a lado metro e meio só de estrada
Quem saiu de lá com vida de um estouro de boiada
Briga de foice no escuro pra ele é marmelada
Pra quem já caiu no fogo, uma brasa não é nada

Quem está molhado de chuva, não tem medo de sereno
Quem perde um grande amor desprezo é café pequeno
Água quente é refresco pra quem já bebeu fervendo
Quem foi mordido de cobra não tem medo de veneno

A esteira é conforto pra quem já viveu na estrada
O lençol é cobertor pra quem já dormiu na geada
Quem pegou na picareta zomba do cabo da enxada
Brinca na ponte de faca quem quebrou ponta de espada

Quem bateu sino de Roma não pode bater cencerro
Pra quem já enfrentou leão touro bravo é bezerro
É esse o fim da picada meu pagode não tem erro
Quem cantou na grande guerra não pode chorar no enterro

MARIANA CRISÓSTOMO - WWW.CONEXAOLUSOFONA.ORG

PULGA ATRÁS DA ORELHA



“ESTAR COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA”

Pulgas, como sabemos, incomodam, provocam coceiras e são contumazes transmissoras de doenças.

A origem da expressão, segundo folcloristas, é literária. No seu conto “Le Rossignol”, La Fontaine escreve: “quando a moça pensa no seu amante ausente a noite toda, fica com a pulga atrás da orelha” (“avoir la puce à l’oreille”). O famoso fabulista quis dizer que a jovem estava com coceiras amorosas... Ou seja uma conotação afetivo-sexual. O sentido evoluiu para desconfiança, suspeita de alguma coisa ou algo dramático que está para acontecer (mau presságio).

Outras variantes para “orelha”:

“Orelhas quentes” “queimando” – estão a falar mal de nós.

Pegar ou apertar o lóbulo da orelha – reforçar a ideia de que é algo bom, agradável, prazeroso.

Alguém coçar a orelha enquanto conversa – a pessoa “çoçadeira” está mentindo...

JOGAR PEDRA NA CRUZ

Sentido de fazer (ter feito) algo de errado, daí sofrendo as consequências; situação ou dias em que as coisas não dão certo; má sorte na vida; sentir-se injustiçado ou sem sorte.

“Grudar chiclete na cruz” – cometer erro ou falta grave.

“Não deixar pedra sobre pedra” – destruir; provocar mudanças drásticas; falar toda a verdade (abrir o bico).

“Atirar a primeira pedra” – julgar e condenar o outro sem olhar nossas próprias culpas.

“Ir lá na casa do chapéu” – lugar longe ou distante de onde estamos.

"VÁ PLANTAR BATATAS"

A expressão "Vá plantar batatas" é de origem portuguesa, surgida provavelmente à época das navegações (século XVI) ou, segundo outros autores, quando da Revolução Industrial (fins do século XVIII e inícios do século XIX). Os portugueses que trabalhavam nas fábricas e mesmo os que trabalhavam em navios eram prestigiados, enquanto que os trabalhadores no campo eram tidos como desqualificados. Assim, mandar "plantar batatas" era uma forma de desprezo, pejoração. Ser agricultor era uma atividade de sobrevivência e quando, dadas as oscilações da economia e a competitividade do mercado, muitas fábricas fechavam, dispensando os trabalhadores, a esses desempregados, para sobreviver, só restava "plantar batatas", ou seja, voltar para o campo.

A expressão tem, nos nossos dias, o sentido de deixar alguém em paz, não encher a paciência, de que ela deva cuidar de sua vida, ainda que algo impossível ou sem pés nem cabeça. Tem igualmente um sentido irônico, pois em Portugal não se diz "plantar" mas "semear" batatas. O verbo "plantar" se aplica ali para mudas de árvores, enquanto que "semear" se utiliza para legumes, grãos, melões, abóboras, batatas, cujas sementes ou tubérculos são lançados ou enterrados no solo.



"VÁ PLANTAR FAVAS"

"Vá plantar favas", "mandar às favas" são expressões populares que significam "vá para longe", "não importune".

A fava é uma leguminosa originária da região do Mar Cáspio (ou do norte da África, segundo outros estudiosos). É um alimento de grande importância desde a Idade da Pedra, utilizado ao longo dos séculos por gregos, romanos e egípcios. De sabor forte, aroma intenso, é rica em proteínas, fibras e amido. Um dos alimentos mais saudáveis e saciáveis de que dispomos, daí uma (outra) antiga expressão "coma fava", no sentido de "aja", "movimente-se", "não arranje desculpas".

Segundo o folclorista Câmara Cascudo, antigamente, em algumas sociedades, votava-se utilizando-se favas brancas e favas pretas, significando "sim" ou "não". Cada votante colocava seu voto, ou seja, a fava na urna. Com a apuração e contagem dos votos (ou melhor dos grãos), elegia-se quem tivesse o maior número de favas brancas. Daí as expressões "favas contadas" (negócio ganho), "mandar as favas" (parar de conversa ou discussão e mandar a julgamento, isso é, ao pleito, à votação), "mandar à fava" (mandar embora, expulsar, recusar); "plantar favas" (pedir ou ordenar alguém que se retire, que não seja inoportuno)

Há ditados com o termo "Fava" como esse: "Vai à fava enquanto a ervilha enche" (no sentido de aproveitar, utilizar-se do que está à mão, no caso a fava, pois a ervilha demora mais tempo do que a fava para encher os grãos).

"VÁ PENTEAR MACACOS"

Expressão também portuguesa, muito usada no Brasil, para afastar alguém inconveniente, chato, inoportuno, no sentido de "vá cuidar de sua vida", "o que você está fazendo aqui" etc. É expressão correlata de outras como "para de encher o saco", "vá ver se estou na esquina".

Há várias versões para a sua origem. Uma delas, provavelmente a mais plausível, aponta que essa expressão derivou do provérbio português "mal grado haja a quem asnos penteia", que teria surgido em Portugal por volta de 1651. Àquela época, escovar animais de carga (asnos e burros, por exemplo) era um trabalho mal visto, próprio para pessoas desocupadas. Havia, outrossim, o conceito de que tais animais não necessitavam estar com boa apresentação para bem cumprirem suas funções (serviços pesados)

Os portugueses, até o século XVII, desconheciam a palavra "macaco", empregando o termo "bugio" para identificar esse animal, daí a expressão "vá bugiar", que é uma expressão equivalente a "vá pentear macaco", usada

MARIANA CRISÓSTOMO - WWW.CONEXAOLUSOFONA.ORG

até hoje em Portugal e no Brasil. Uma outra versão afirma que a expressão "pentear macaco" surgiu no tempo da escravatura, oriunda de castigos dado a escravos, que tinham que dar banho uns aos outros e depois desemaranhar os seus cabelos.



RISCOS DO PERSONALISMO

“Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5:3-12)

Infortúnios, erros, quedas – passíveis de ocorrer e inerentes a qualquer ser humano - são como uma dança trágica entre a esperteza (exploração externa) e a ingenuidade, quando não à vaidade. É a chamada negação devocional ou perceptual – especialmente os que se julgam imunes aos efeitos dos vícios, às contingências existenciais, os iluminados, os ungidos, os pop-stars. O grave perigo do personalismo, do estrelismo. Quantos doutos, sábios, profissionais de renome, líderes religiosos, titulares de currículos pomposos, autoridades de alto coturno descendo escadas abaixo envolvidos em escândalos (que as mídias exploram até a exaustão e ao escárnio, lavando e levando toda sorte de detritos às nossas mentes e casas), reféns de regras culturais de se manter o prestígio, de se chafurdar no dinheiro alheio, exigir deferências, de se posicionar, a qualquer custo, no alto das cátedras e dos palcos, quando não até nos sacrossantos recintos religiosos...

Somos, na condição de cidadãos comuns ou fieis, colocados numa disassociação cognitiva (ante os erros de superiores ou mestres), gerando desconfiança, decepção, conflagração. Crises que trazem entulhos à superfície e, para quem derrapou, são momentos adequados de reconhecimento, saneamento, recomeço, cura. Não há, em muitos casos, vileza individual, mas deploravelmente, equívocos culturais, oriundos de feridas emocionais ocultas, de rupturas formativo-educacionais – materiais reprimidos que se acham no espaço do inconsciente, potencialmente tóxicas, contudo sanáveis.

Não há transformação sem riscos. É difícil, sim, aprender um novo caminho sob ataques ou fogo cruzado. Temos que fazer mea culpa, o ritual de se recitar preceitos, confessar defeitos, desculpar-se até mesmo publicamente, compensar os que, de alguma forma, sofreram/sofrem, de nossa parte, aborrecimentos ou mesmo ultrajes. Enfim, reparar, sanar, recomeçar! Ninguém, sequer sábios, místicos ou mesmo santos, salvo raras exceções, acham-se imunes a traços neuróticos, a estados psicóticos, a veleidades, a erros, a descrédito ou ainda a motivações caluniosas. Sabedoria, iluminação, de que muitos presunçosos se acham titulares – ainda que atenuem ou descondicionem o ego – não obliteram a personalidade. O comportamento externo, ou seja no mundo, é sempre uma questão de estilo



personal e enquanto a personalidade atua, continuam os processos atávicos e conteúdos inconscientes. Vigilância, pois!

O autoritarismo, o personalismo peculiares a muitos doutos e consagrados, os que se apregoam iluminados, provém de uma personalidade condicionada ou reprimida, do não trabalhar a própria sombra, de mecanismos de desintegração psíquica ou seja não tratar com equilíbrio as conexões pessoais, sociais, emocionais e culturais. Ou, em outros termos, sobram inteligência ou técnica - ou soberba, e insolência - mas carece-se de conhecimento, sapiência, temperança, maturidade, atributos que implicam em responsabilidade, em práticas de obras espirituais (humildade, compaixão), em integração com todas as coisas, a principiar das mais simples ou insignificantes, as quais são o campo, a seara universal de Deus.

A dinâmica da humanidade, a principiar de cada indivíduo, ainda que ocorram obstáculos, quedas, é uma só: continuidade, prosseguimento da caminhada, a árdua subida até Jerusalém...

Cuidadores em área de saúde social

Cidade com carência de cuidadores de idosos e de convalescentes cirúrgicos. Famílias com idosos dependentes e ainda com enfermos provisórios em processo de recuperação (convalescentes de cirurgias) vem encontrando dificuldades na captação/contratação de cuidadores, auxiliares de enfermagem, sobrecarregando os familiares.

Em tempos idos, quando alguém da família enfermava, havia toda uma solidariedade de parentes, vizinhos o que parece desapareceu nos dias atuais, tornando imperiosa a ação e qualificação dos cuidadores. Com alguém enfermo ou convalescente em casa, aumentam os serviços com limpeza, roupas, cuidados com higiene, medicação, sendo imprescindível o apoio dos demais familiares e na falta destes – em muitos casos por omissão – há que se recorrer a auxiliares externos.

Assunto para nossas autoridades que necessitam qualificar e credenciar pessoas interessadas/vocacionadas para tão meritória atividade.



BR.FREEPIK.COM

História de Passa Tempo

Passa Tempo - Minas Gerais - MG

HISTÓRICO

A região primitivamente era habitada pelos índios Carijós que viviam nas cabeceiras do Rio Pará. Posteriormente, foram expulsos pelos Cataguases, que ocuparam quase toda Minas Gerais. Alguns elementos da bandeira de Fernão Dias Paes Leme, possivelmente pisaram o solo do município de Passa Tempo.

Em 1670, o bandeirante Lourenço Castanho Taques embrenhou-se nos sertões de Minas Gerais a fim de expulsar os Cataguases. Ele foi um dos que também pisaram o solo dessa região e, possivelmente, o criador do topônimo Passatempo.

Em 1734, Manoel Francisco Barrosas penetrou nos Matos ou Paragem do Passatempo e solicitou Sesmaria.

Em 1747, outros solicitaram sesmarias, como: Brás da Rosa, Manoel da Rosa, Estevam Reis Mota, Mathias Neto, Manoel Roiz de Castro, Antonio Rodrigues e Domingos Ferreira, Manoel Roiz Coimbra e Manoel Pacheco Barrosas, Gregório Francisco Pereira (1768) e Domingos Vieira da Motta (1754).

Em 1760, foi doada uma légua de terras em quadro, para o patrimônio de uma capela, em honra a N.S. da Glória, por Braz da Costa e sua mulher Ana Moreira. Construída a capela, em volta dela surgiu o arraial. Em 14.07.1832, Passa Tempo foi elevada à condição de Paróquia, tendo como Vigário o Padre José Fabião Cordeiro.

O nome Passa Tempo, datado do século XVIII, tem duas versões: a primeira seria uma denominação criada pelos bandeirantes que, ao fazerem pouso na região, diziam: vamos passar o tempo ali (descansar). E, posteriormente, outros diziam vamos parar no Passatempo, daí nasceu o nome Paragem do Passatempo ou Matos do Passatempo.

Existe também uma lenda que fala de duas velhinhas que viviam a fiar à porta de sua casa e, quando algum viajante passava por ali as perguntava: Como vão minhas senhoras? - elas respondiam: Vamos passando o tempo, daí teria surgido o nome Passa Tempo. Devido a isso, o município adotou como símbolo duas velhinhas fiando a roca

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA

Distrito criado com a denominação de Passa Tempo, pelo Decreto de 14-07-1832, e Lei Estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Oliveira.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Passa Tempo, pela Lei Estadual nº 556, de 30-08-1911, desmembrado de Oliveira.

Sede na vila de Passa Tempo. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-06-1912.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, a vila é constituída do distrito sede.

Assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920.

Elevado à condição de cidade com a denominação de Passa Tempo, pela Lei Estadual nº 893, de 10-09-1925.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído do distrito sede.

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo Decreto-Lei Estadual nº 148, de 17-12-1938, Passa Tempo adquiriu do município João Ribeiro o distrito de Rio do Peixe.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1944, o município é constituído de 2 distritos: Passa Tempo e Rio do Peixe.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1950.

Pela Lei 1039, de 12-12-1953, desmembra do município de Passa Tempo o distrito de Rio do Peixe. Elevado à categoria de município com a denominação de Piracema.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Fonte: www.cnm.org.br

HISTÓRIA ANTIGA DE PASSA TEMPO

Há muitos séculos atrás a região onde, hoje, situa-se Passa Tempo era habitada por índios Carijós que viviam nas cabeceiras do Rio Pará em aldeias formadas de pequenas choças, alimentando-se da caça, pesca, frutos e raízes. Utilizavam o arco, flecha e o tacape com grande destreza. E durante muitos anos a vida dos índios Carijós foi tranquila.

Quando os valentes guerreiros, descendentes da tribo Teremembés, que se denominavam de Cataguá ou Cataguases, que vinham do Sul do Brasil rumo ao norte, encontraram os Carijós.

As duas tribos travaram um grande luta e os Carijós terminaram por deixar as terras e foram para o Oeste, e os Cataguás passaram a ocupar boa parte da região.

O predomínio da tribo dos Cataguases foi tão grande que, primitivamente o território de Minas era conhecido como o "País dos Cataguás" e "Campos Gerais dos Cataguases" denominação esta que só desapareceu, depois de criada a Capitania de Minas, separada de São Paulo em 1720.

Por volta de 1670 o Governo Português resolveu tomar sérias medidas contra os índios Cataguás, que ocupavam os Campos Gerais dos Cataguás, assim começaram as expedições dos bandeirantes pelas terras das Gerais dos Cataguases.

Os Cataguás ocupavam desde o Sul de Minas, até o triângulo Mineiro, São Francisco, Oeste do Campo das Vertentes e trilhas feitas por eles foram aproveitadas pelos bandeirantes.

Os índios Cataguases eram muito temidos pelos conquistadores, pois além de ótimos e corajosos guerreiros, tinham ainda a fama de devorarem os prisioneiros de guerra.

Uma das primeiras bandeiras a alcançar os sertões das Minas dos Cataguases foi comandada por Fernão Dias Paes Leme, entre 1674 e 1681. Ele estava acompanhado de aproximadamente seiscentos homens (cerca de quarenta brancos ou mamelucos e o restante de índios) incluídos na expedição estavam também os filhos Garcia Rodrigues Paes e José Dias Paes (bastardo e mameluco) e seus genros Manuel Borba Gato e Domingos Rodrigues da Fonseca Leme.

Conta-se que parte da tropa de Fernão Dias adentrou os sertões das vertentes e vieram a pisar em solo passatempense.

Foi esta bandeira comandada por Fernão Dias que fundou o primeiro povoado de Minas dos Cataguases, denominado de Ibituruna, mais a oeste, no Caminho Velho dos Sertões, fundado em 1674.

Os combates entre os bandeirantes e os índios eram extremamente violentos, os primeiros queriam habitar a nova região e os índios tentavam deter a ocupação de suas terras.

Uma das mais importantes incursões pelos sertões de Minas dos Cataguases foi a de Lourenço Castanho Taques, conhecido como o velho, que por volta de 1670 a 1675 adentrou os sertões mineiros e promoveu o abate dos ferozes índios Cataguases, ele também foi um dos que pisaram no solo de Passa Tempo e,

possivelmente, o criador do topônimo Passatempo.

Segundo o historiador Diogo de Vasconcelos, na região de Conquista aconteceu o massacre contra os índios cataguases, surgindo aí um dos primeiros arraiais de Minas Gerais, o Arraial de Conquista, que ficava às margens do Ribeirão Conquista, que era conhecido até 1755 como Ribeirão São Felipe.

Alguns historiadores relatam que o nome Conquista, dado ao Arraial foi devido a resistência dos índios Cataguases, que terminaram por serem conquistados pelos bandeirantes. Posteriormente Conquista passou a denominar-se Itaguara.

Também, o Bandeirante Mathias Cardoso saiu de São Paulo por volta de 1690, marchando em direção a Sat'Ana, atravessando o Paraobebe, rumo ao sumidoro chegando a superfície plana do Rio Verde, margem do Rio São Francisco onde assentou o arraial de Morrinhos.

Todas as três bandeiras tiveram sua importância, uma vez que desbravaram os sertões mineiros abrindo as estradas para os aventureiros e colonizadores.

A grande maioria dos integrantes da expedição de Mathias Cardoso permaneceu nos sertões de Minas criando vários povoados e se estabeleceram na região como criadores de gado.

Segundo Fagundes e Martins:

"Gonçalves Figueira e seu cunhado Mathias Cardoso (este era casado com Inês Gonçalves, irmã de Figueira), após deixarem a guerra no sertão nordestino encaminharam-se para o norte de Minas, onde juntos com muitos parentes e pessoas próximas fundaram as grandes fazendas de gado que nos primeiros anos dos setecentos se tornariam essenciais para o abastecimento das minas. Mathias, antes mesmo de sua entrada na guerra, já havia estabelecido o seu arraial na beira do São Francisco, e os seus parentes acabaram concentrando-se nas margens do dito rio, enquanto os Figueiras fixaram-se junto ao Verde Grande. É de 1690 a concessão de 80 léguas quadradas ao tenente-general e outras dezenove pessoas." (FAGUNDES e MARTINS, 2002, p.65).

É o que também afirma Diogo de Vasconcelos:

"Tratou de cercar os bandos desagregados e de reduzi-los à escravidão. Criaram-se, por isso, as diversas fazendas de criar que datam desta época, nas quais se recolheram os escravizados, que se estabeleceram com os vencedores na zona fértil. (...) Realizaram, portanto, os paulistas os intentos com que subiram para o sertão e nunca mais voltaram a São Paulo". (VASCONCELOS, 1948, p.30).

Assim, começou a povoação de Minas, a pecuária se desenvolveu as margens do Rio São Francisco e logo alcançou o norte de Minas, dentro desse contexto, o Rio São Francisco e seus afluentes (incluindo aqui o Rio Pará) tiveram um papel fundamental na ocupação da região, uma vez que serviam de via para transporte

de pessoas, mercadorias e alimentos.

No início da colonização, a região norte-mineira, pertenceu às capitanias de Pernambuco – margem esquerda do Rio São Francisco – e da Bahia – na margem direita.

Passa Quatro, Passa Vinte, Passa Trinta foram algumas das denominações dadas às localidades por onde passaram os primeiros exploradores. E depois de passado tempos esses exploradores acabavam por descansar nas belas paisagens do local onde denominaram de Passatempo. Por Passatempo chegava-se a São João D'el Rey, Ouro Preto, Pitangui e outros locais.

Não tardou e foram encontrados nas terras mineiras ouro e pedras preciosas, o que deu início a corrida do ouro.

O trajeto percorrido pelo ouro era muito grande e demorado, então, os sertanistas obtiveram licença régia para abrir um novo caminho, que serviria de atalho para Goiás. O novo caminho abriu ainda mais espaço para novas colonizações surgindo então outras localidades, dentre estas, a Picada de Góias.

O ouro transformou em caminhos reais as sinuosas picadas abertas por índios e bandeirantes. Com trabalho escravo, as trilhas foram caprichosamente calçadas, equipadas com pontes e adquiriram uma largura de até dez metros. Tudo para que as riquezas encontradas na capitania das Minas Gerais chegassem mais rápido ao porto de Paraty, para depois serem remetidas à Coroa, em Portugal. Esse caminho hoje é conhecido como "Caminho da Estrada Real".

Ao longo desse caminho com mais de mil quilômetros rodeado de cachoeiras, rios cristalinos e mata virgem foi escrita boa parte da história do Brasil. Foram construídas centenas de cidades com amplo casario colonial e sofisticadas igrejas barrocas, bem como desenvolvida uma culinária ímpar e eternizadas histórias envolvendo personagens lendários.

A febre do ouro, em 1733, tomava conta dos aventureiros e o novo caminho, passando pela Picada de Góias, intensificou o movimento na região. Os nomes dados a região onde situava Passatempo era Campo Grande e Picada de Goiás. E a rota dos aventureiros que partiam de São Paulo rumo às minas de ouro de Goiás e Mato Grosso era Oliveira que era denominada de "Picada de Goiás".

Passatempo e Japão foram onde se estabeleceram os primeiros habitantes de Oliveira, entre os anos de 1700 e 1734. Tendo inclusive em 1734, Manoel Pacheco Barroso, solicitado uma Sesmaria na região do Mato de Passatempo. Alegado ter penetrado até as cabeceiras do Rio Pará, e possuindo ali casa de morada e plantações.

Aos 03 de julho de 1736, Gomes Freire de Andrade começou a expedir licenças para as Sesmarias na região do Caminho Novo de Goiás. A concessão de sesmarias, sem dúvida, é um dos ícones responsáveis pelo povoamento da região, originando propriedades nos locais ainda não habitados, e novamente predominava a pecuária como principal atividade econômica.

A respeito das doações de sesmarias Brasileiro Braz afirma que:

(...) havia fortes razões de ordem administrativa e política que justificavam a doação de grandes patrimônios territoriais a determinadas famílias cujos chefes, elevados assim à condição de verdadeiros potentados, representavam a força do rei, no sertão sem lei, sem policiamento e sem outra autoridade (BRAZ, 1977, p. 39).

Caio Prado Jr. em uma análise mais detalhada afirma:

"No período da colonização, como analisamos, o norte de Minas apresentava muitas condições para a ocorrência de sua ocupação permanente. Seu povoamento no sentido norte para o sul ocorreu quase exclusivamente por força do grande centro que foi a Bahia, com a sociedade açucareira. Já o papel povoador vindo do sul, ocorreu da ganância dos paulistas por ouro, metais preciosos e mão-de-obra barata e farta. Nota-se que a bandeira do tenente-general Matias Cardoso na região foi diferente. Sendo que aos bandeirantes foi atribuída a fama de que sempre anda a viajar, vistos como nômades. Aqui eles estabeleceram povoados sólidos, efetivos, permanentes e construíram uma nova vida longe dos grandes povoados, o litoral."

Fato interessante que cabe destaque é de que o primeiro morador de Oliveira ser Domingos Vieira da Mota que era residente em Passatempo e conseguiu uma sesmaria na região em 1754. Esta sesmaria foi transferida para Antônio de Oliveira Jorge e terminou por ser arrematada em hasta pública em 1758, por André Diniz Linhares.

Na Paragem do Passatempo já existiam algumas casas de moradas, fazendas, e até sesmeiros, mas a maioria das sesmarias de que se têm notícias, foram concedidas somente em 1747. Em umas, se vê a expressão "Matos do Passa Tempo", em outras "Paragem do Passa Tempo". Alguns sesmeiros já residiam no local, antes mesmo de solicitarem as Sesmarias. Alguns sesmeiros que conseguiram as Sesmarias em 1747:

* Braz da Rosa, nas quatro pontes do Passatempo;

* Manoel da Rosa; Antônio Rodrigues e Domingos Ferreira na Fazenda Cachoeirinha;

* Manuel Rodrigues Coimbra, Manoel Pacheco Barrozas, Estevão Reis Motta; Domingos Vieyra da Motta, Gregório Francisco Pereira, Antônio Marge de Moraes, José Vieyra, Francisco Ferreira da Silva, Mathias Neto, Manoel Sanches, José Ferreira, Antônio Alz e Manoel Roiz Castro.

A Paragem do Passatempo se tornou no final do século XVIII o Arraial do Passatempo, e o número de fazendas e habitações ia crescendo e os moradores do local sentiram a necessidade de construir uma capela, uma vez que existia no local somente um Cruzeiro. Nessa época tudo que se relacionava a Passatempo estava ligado a São José Del Rei. Conforme mostra alguns trechos de registros de batismo abaixo:



- Maria, batizada em 16-05-1758.

B7: São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - aos 15-05-1758 Passatempo, Maria, f.l. Manoel da Costa Lima e Ana de Assunção, padr.: Domingos Fernandes Barandas e sua mulher Maria Angelica.

-Teresa, batizada em 30-11-1762.

São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - aos 30-11-1762 Passatempo, Teresa, f.l. Manoel da Costa Lima e Ana Maria, padr.: Bartholomeu da Silveira e s/m Joana Vitoria.

- Manoel, batizado em 14-03-1765.

São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - aos 14-03-1765 Passatempo, Manoel, f.l. Manoel da Costa Lima e Ana Maria da Assunção, padr.: Luiz de Souza, solteiro e Margarida Josepha, casada." Projeto Compartilhar.

Por incentivo de um Padre, em 1760, Braz da Costa e Ana Moreira doaram uma légua em quadro de terreno para a construção de uma Capela, e fizeram uma reivindicação, que a capela fosse construída com frente de frente para sua residência, o Sobral das Claras (hoje é a residência da Sra. Sônia do Vanderci).

Quatro marcos de pedras em forma de cruz foram utilizados para demarcar o terreno. E assim com ajuda dos moradores a Capela foi construída, a data não se sabe com precisão, mas no ano de 1771 e seguintes já tinha registro da Capela do Passatempo conforme se vê:

"Manoel da Costa Lima, batizado aos 23-09-1771. Aos 22-07-1798 casou com Ana Joaquina de Aquino, filha de José Machado de Andrade e Rita Maria de Jesus. Geração na família "José de Andrade Braga".

B7: São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - em virtude de um despacho (...) 12- de julho de 1799. o assento que se declara se acha no livro quarto a f 402v (...) por isso o abri aqui: Aos 23-09-1771 na capela de São João Batista filial da matriz de Santo Antonio da vila de S. José, o capelão da capela do Passatempo batizou a Manoel, f.l. Manoel da Costa Lima e Ana Maria da Assunção, foram padrinhos Francisco da Silveira e Ana Vitoria do Sacramento, de que fiz este assento que assino.

Brígida, batizada no ano de 1773.

B7: São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - suplementos; ano de 1773 na capela Passatempo, Brígida, f.l. João Gonçalves dos Santos e Ana Maria Pacheca, padr.: João Pacheco, solteiro e Elena Maria Pacheca, solteira todos da dita aplicação. (...) por informações dos ditos padrinhos e de Manoel Pinto da Costa, tio por afinidade da dita, e João Bernardes da Silva, abri este assento. Vila de São Jose 08-05-1797;

Após a construção da Capela do Passatempo, surgiram diversas construções esparsas ao redor da mesma, e em 1773 o Arraial do Passatempo se tornou o Curato de Nossa Senhora da Glória do Passatempo, havia um Capelão, ministro religioso autorizado a prestar assistência e a realizar cultos na comunidade e de tempos em tempos vinha até o Curato, um Padre para celebrar as "desobrigas".

Curato é um termo religioso, derivado de cura, ou padre, que era usado para designar aldeias e povoados com as condições necessárias para se tornar freguesia.

Nesta época Nossa Senhora do Passa Tempo continuava sendo distrito de São José d'el Rey.

A freguesia de Passa Tempo foi criada pelo decreto da Regência Feijó de 14 de Julho de 1832 e abrangia, além da própria Capela de Nossa Senhora da Glória, a capela filial de São João Batista (hoje Morro do Ferro, distrito de Oliveira). Porém a instituição canônica aconteceu somente em 31 de Julho de 1833, sendo o primeiro vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Glória de Passatempo o Pe. José Fabião Cordeiro.

No trecho abaixo percebe-se que a Capela da Freguesia de Nossa Senhora da Glória do Passatempo era Matriz:

“Em 1841 casou com Maria da Trindade Maxima de Rezende, filha do Cirurgião Tomás da Silva Fraga e Francisca de Paula Fortunata de Rezende; família “João Francisco da Silva”.

B7: Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso (Bom Sucesso, Minas Gerais) cas - aos 20-09-1841 Antonio Ferreira Pacheco, f.l. Alf. Manoel Ferreira Pacheco e D. Joaquina Felizarda de Jesus, ambos falecidos, n/b na cap. de S. João Batista filial da matriz de N. Sra da Gloria do Passatempo = cc D. Maria da Trindade Maxima de Rezende, f.l. do Cirurgião Tomas da Silva Fraga e D. Francisca de Paula Rezende, n/b na freg. de N. Sra da Conceição dos Prados.”

Em 08 de junho de 1840, após a aprovação da Lei provincial de nº. 134 de 16 de março de 1839, Oliveira foi elevada a Vila, e era constituída pela sede (Oliveira), Freguesia do Passatempo, Santo Antônio do Amparo, Curato de São João Batista, Curato de Cláudio e Curato de Carmo da Mata. Assim a Freguesia do Passatempo foi desmembrada de São José Del Rey e passou a pertencer a Oliveira.

Em 1841 a Freguesia de Passatempo foi desanexada de Oliveira, mas voltou a integrar o quadro desse Município no ano seguinte em 1842, e a partir desta data, mesmo sendo distrito de Oliveira, Passatempo tinha como Comarca o Rio das Mortes. Sendo sua denominação a seguinte: Distrito da Freguesia do Passatempo, Termo da Vila de Oliveira, Comarca do Rio das Mortes, Província de Minas Gerais.

Em 1826 a população de Passatempo era a seguinte:

Classificação	Habitantes
Homens brancos livres	159
Mulheres brancas livres	193
Homens pardos livres	60
Homens pardos cativos	52
Mulheres pardas livres	67
Mulheres pardas cativas	41
Homens negros livres	27
Homens negros cativos	426
Mulheres negras livres	20
Total	1.234

Em 23 de setembro de 1861, foi criado na Freguesia de Nossa Senhora da Glória do Passatempo, o curato de Nossa Senhora do Carmo do Japão (hoje Carmópolis de Minas), sendo o primeiro cura, o Padre José da Costa Ribeiro. A Matriz da Freguesia de Nossa Senhora da Glória do Passatempo passou a ter como filiais: Capela de São João Batista e Capela de Nossa Senhora do Carmo do Japão.

Em 24 de setembro de 1862, o curato do Japão foi elevado a freguesia pela lei provincial nº 1.144, sendo o primeiro cura, Padre José da Costa Ribeiro, o vigário colado.

No Relatório Provincial do ano de 1853, a população total para o município de Oliveira, não discriminando livres e escravos, era de 28.502 almas. A população dos vários distritos que compunham o município era a seguinte:

Lugar	Habitantes
Vila de Oliveira	4.200
Cláudio	3.842
Mata do Carmo (Carmo da Mata)	1.216
São Francisco de Paula	1.920
Japão (Carmópolis de Minas)	2.445
Passa Tempo	1.743
São João Batista (Morro do Ferro)	1.003
Santo Antonio do Amparo	2.080
Santa Ana (Santana do Jacaré)	913
Caná Verde	1.488
Bom Jesus dos Perdões (Perdões)	4.452
Bom Sucesso	3.200
Total	28.502

Já em 1867, Oliveira passou a pertencer a Comarca do Rio Pará e Passatempo, sendo seu distrito também passou a pertencer a essa Comarca, sendo assim designado: Distrito da Freguesia do Passatempo, Termo da Vila de Oliveira, Comarca do Rio Pará, Província de Minas Gerais.

MUNICÍPIO DE OLIVEIRA – ANOS 60

Oliveira instalou sua Comarca em 1868 como o nome de Comarca do Rio Lambary, mas em 1891 a denominação da Comarca foi trocada e passou a ser Comarca de Oliveira e entre seus distritos estava o

Distrito da Freguesia do Passatempo, Município de Oliveira – MG.

A Lei de nº. 556 de Agosto de 1911 elevou a Freguesia do Passatempo a Vila. E nessa foi nessa época que o nome do Passa Tempo passou a ser grafado separado. A instalação da vila ocorreu em 1º de julho de 1912, data em Passa Tempo foi, desmembrado do Município de Oliveira, com um único distrito, o da sede de igual nome, passando então a ter a sua independência político administrativa com o seguinte nome: Vila de Passa Tempo - MG.

Não tardou e Passa Tempo foi elevado a Cidade, em 10 de setembro de 1925 através da Lei 843, passando então a ser chamado de: Município de Passa Tempo – Estado de Minas Gerais.

Na divisão judiciário – administrativa do Estado, fixada pelo Decreto-Lei Estadual 148 de 17 de dezembro de 1938, o Município de Passa Tempo passa a integrar dois distritos, o da sede e o Distrito do Rio do Peixe. Nessa época o Município de Passa Tempo pertencia a Comarca de Oliveira – MG.

O Decreto 1094 de 08 de outubro de 1948 criou a Comarca de Passa Tempo, e a instalação da Comarca aconteceu em 15 de novembro do mesmo ano.

E através da Lei Municipal 1039 de 12 de dezembro de 1953, Rio do Peixe se emancipou, se tornando o Município de Piracema – MG e Passa Tempo voltou a figurar com um único distrito o da sede.

Em 1971, Passa Tempo voltou a pertencer a Comarca de Oliveira. E em 31 de dezembro de 1975 foi reestabelecida a Comarca de Passa Tempo, sendo instalada em 1983 e permanecendo em atividade até a presente data.

Referências Bibliográficas

BRAZ, Brasileiro. São Francisco nos Caminhos da História. São Francisco: Lemi, 1977.

COSTA, João Batista de Almeida. Cerrados Norte Mineiro: populações tradicionais e suas identidades territoriais

ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidades e singularidade cultural. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

FAGUNDES, Giselle; MARTINS, Nahilson. Capítulos Sertanejos. Montes Claros, 2002.

MATA-MACHADO, Bernardo. História do Sertão Noroeste de Minas Gerais 1690-1930. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. Formação Social e Econômica do Norte de Minas. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000.

PRADO, Caio Junior. Formação do Brasil Contemporâneo. 23 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

VASCONCELOS, Diogo. História Média de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1918

SILVA, Eduardo Rodrigues da. O Bandeirante Matias Cardoso e a Ocupação do Norte de Minas. Publicado 03/02/2008 em <http://www.webartigos.com>.

SETTE, Bartyra e JUNQUEIRA Regina Moraes. Projeto Compartilhar disponível em www.projeto compartilhar.org.com

FALEIRO, Antônio Pedro da Silva. PASSA TEMPO - através do tempo - 3ª ed. 2010.

Como Chegar:

Passa Tempo está localizada a 148 km de Belo Horizonte na Região Centro-Oeste de Minas, conhecida como Vertentes.

Para se chegar à cidade sua principal porta de acesso é através da Rodovia MG - 270.

Os visitantes que vierem tanto do sul de Minas quanto da Capital Belo Horizonte terão que seguir via Rodovia BR 381 - Fernão Dias - até a cidade de Carmópolis de Minas onde encontrarão a Rodovia MG - 270 a qual os levarão até Passa Tempo.

Os visitantes que vierem pela Rodovia BR- 040 terão que seguir pela Rodovia BR 482 até Entre Rios de Minas onde encontrarão a Rodovia MG - 270 a qual os levarão até Passa Tempo.

Outra via de acesso é pela Região Campo das Vertentes, vindo das cidades históricas de São João De I- Rei e Tiradentes. O visitante poderá seguir via Rodovia BR 494 até Morro do Ferro, onde pegará uma pequena estrada de terra, percorrendo 20 km chega-se à Cidade de Passa Tempo. Caso o viajante não queira ir pela estrada de terra a opção é seguir pela mesma Rodovia BR 494 até a BR 381 - Fernão Dias - ir em sentido Belo Horizonte até chegar em Carmópolis de Minas onde encontrará a MG 270 que o trará a Passa Tempo.



Alarcón na Paróquia de Vila Jerusalém, em Belo Horizonte, tendo ao fundo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida

Pe LUIZ ALARCÓN - O MILAGREIRO DOS CAMPOS DAS VERTENTES OU O NOVO MESSIAS DO SERTÃO MINEIRO

No final da década de 1960, mais expressivamente em 1967, nossa região viveria dias e meses agitados com a presença inusitada de um personagem messiânico, milagreiro, autointitulado Pe. Luiz Alarcón, tendo como epicentro as cidades de São Francisco de Paula e Carmo da Mata, mais precisamente a localidade de Campos ou Fazenda Palmeiras, onde se instalara o curandeiro e aí ministradas as sessões de curas. Centenas de pessoas, das mais diversas regiões do Estado e do País, para ali acorriam em busca de lenitivo para suas dores, passando Pe. Alarcón a ser chamado pela imprensa de “O milagreiro dos Campos das Vertentes” ou “o novo Messias do sertão mineiro”

A época, conforme uma entrevista à revista “O Cruzeiro”, o taumaturgo dizia se chamar Pe. Luiz Mário Villaroel Alarcón, natural de Cochabamba, Bolívia, onde nascera em 1926, ordenando-se sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana em 1948 em Barcelona, dela desligando-se posteriormente, filiando-se à Igreja Católica Brasileira⁽¹⁾, dizendo ainda ter saído da Bolívia por perseguições políticas. O intenso movimento de fiéis e a vida obscura do curandeiro atraíam a atenção das autoridades, sendo Pe. Alarcón preso, proces-

sado e com ordens de expulsão do País. Descobriu-se que era ex-presidiário, tendo cumprido pena em São Paulo por pedofilia. Foi ainda objeto de investigação pela Polícia Política do Governo Militar – Pasta 0630/DOPS-MG. Pesquisas processadas na Bolívia pela Polícia Federal e Interpol não localizaram nenhum cidadão com este nome (Luiz Mário Villaroel Alarcón), não sendo provavelmente boliviano e sequer sacerdote e muito menos perseguido político. Um enigma a sua identidade até os dias de hoje.

Na década de 1970, retornaria às páginas dos jornais, quando moveu/liderou intensa campanha moralista contra os môtéis de Belo Horizonte, buscando constranger os frequentadores (“moteleiros”). Pe. Alarcón faleceu aos 08-07-1998 em Belo Horizonte, no total esquecimento público e anonimato.

Fontes: Revista Memória Carmense ed. 9, ano 2007 / Livro “Os motéis e o poder – da perseguição pelos agentes de segurança e ao patrocínio pela ditadura militar” Ciça Mendes/Murilo Fiuza de Melo / Jornal “Estado de Minas” em.com.br de 11/08/2021 e edição física de 17/02/1967)

Reprodução



Reprodução de imagem da revista *O Cruzeiro* mostra fiéis beijando a batina de padre Alarcón durante as celebrações feitas pelo sacerdote nos Campos

NOTAS

(1) A Igreja Católica Apostólica Brasileira, uma dissidência da Igreja Católica Apostólica Romana (Santa Sé) foi criada pelo bispo católico D. Carlos Duarte Costa (RJ 21-07-1888 – RJ, 26-03-1961) denominado por seus seguidores como São Carlos do Brasil, sendo, porém, mais conhecido como “Bispo de Maura” (referência simbólica à extinta diocese de Maura na Mauritânia, norte da África).

Foi bispo de Botucatu entre 1924 e 1937, ano em que foi afastado pelo Vaticano por suas atitudes polêmicas, progressistas, senão ousadas à época (favorável ao divórcio, aos “sem terra”, contrário ao celibato clerical, crítico do apoio então dado por próceres da Igreja ao regime ditatorial getulista etc.). Antigetulista ferrenho, inimigo do nazifascismo, criou ainda o “Batalhão do Bispo” para combater ao lado dos revoltosos da Revolução Constitucionalista de 1932. Excomungado em 1945, D. Mauro fundou a Igreja Católica Apostólica Brasileira e ainda o Partido Socialista Cristão-PSC

Reprodução



Nessa reprodução de uma foto da revista *O Cruzeiro*, vê-se uma multidão à espera de uma das celebrações realizadas pelo padre Alarcón nos Campos

Publicações

Tecendo a história da Companhia Têxtil São Joanense 1891/1991

DESCRIÇÃO

A Companhia Têxtil São Joanense sofreu profunda transformação ao longo de seus 100 anos de vida ativa na comunidade de São João del-Rei. Neste seu século de existência, ela se transformou: evoluiu, mudaram os setores de produtividade, os objetivos estatutários, mas em nenhum momento foram interrompidas suas atividades produtivas, ou a Cia. deixou de gerar empregos e oportunidades.

Em fevereiro de 1891 foi fundada a Companhia Industrial São Joanense que tinha como objetivo fabricar tecidos de algodão e, com o passar dos anos, outros materiais têxteis. Caracterizava-se como Sociedade Anônima. O capital de ações pulverizado entre os acionistas era no total de 1.000 ações.



CHÁCARA DA OLARIA

A Chácara da Olaria pertencia a Antônio Euzébio da Paixão. Possuía uma posição estratégica na cidade de São João del-rei, considerando a facilidade de escoamento da futura produção e a chegada da matéria-prima.

A Estrada de Ferro Oeste Minas já estava em pleno funcionamento.

No pátio da fábrica foi criado um desvio. Assim, um dos grandes problemas da época, que era o transporte, já estava solucionado. Também era uma área com abundância de água, muito necessária para uma fábrica têxtil.



Bernardo Cordeiro: Primeiro funcionário cadastrado na Companhia Industrial São Joanense.



"O terreno da fábrica, dita Chácara da Olaria, possuía árvores frutíferas, horta e chegou a ter vaca de leite."

O COMEÇO 1891/1900

30/06/1891

1ª aquisição de matéria-prima para a futura produção: fardos de fios de algodão "tintos e crus": importados da Inglaterra.

Compra de máquinas a vapor, tecelagem, de acessórios da Inglaterra.

Novembro de 1891:

Primeiro pagamento ao tecelão inglês George Tate, contratado para

montar e instruir sobre o funcionamento das máquinas, à razão de uma Libra Esterlina por dia.

30/04/1892

Aquisição da Primeira Caldeira.

31/12/1892

Primeira produção de tecidos da Cia:

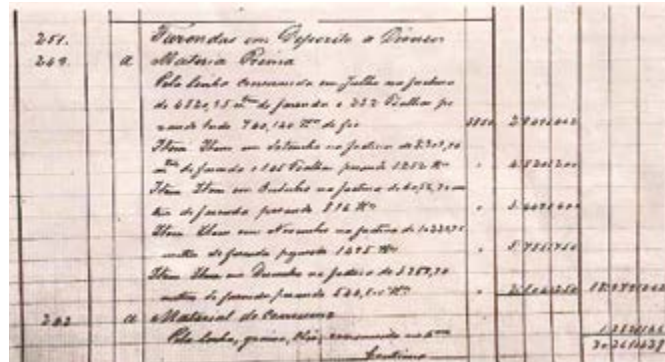
454.796m de riscado de primeira, pesando 856 Kg.

513.788m de riscado de segunda, pesando 904 Kg.

O Sr. Olympio efetuou a primeira venda de tecidos no valor de 4.007.722 réis.

1894

Primeiro pagamento de dividendos aos 107 acionistas da Companhia.



A VIRADA DO SÉCULO 1900/1920

Grandes transformações ocorreram: alterações substanciais no quadro acionário; o fim da importação da matéria-prima, ampliação das instalações fabris e a criação de novos setores – "Fiação e Tinturaria"; ampliação da área já existente de tecelagem.

1904

A Companhia Cedro Cachoeira e Bernardo Mascarenhas passou a fornecer a matéria-prima.

12/04/1906

Primeira Máquina para Tinturaria "JIGGER" para tingir tecido por 43.180,00.

1907

De Victor Uslaender e Cia máquinas para fiação e tinturaria.

Ampliam a tecelagem.

Ocorreu a primeira compra de cento e vinte e oito fardos de "Algodão em Lã" (expressão da época) a 1.120 réis por quilo.

1908

A matéria-prima, algodão, foi comprada com o prazo de cento e sessenta dias e o produto – pano – vendido a 90 dias.

Nesse momento completou-se a integração: da matéria-prima ao produto acabado.

1909

Muda o sistema de alimentação das máquinas: implantação de eletrificação de parte da fábrica.

1º motor elétrico de Sotlp, marca General Electric.

Com a aquisição de máquinas apropriadas "CHAPON FRAME" – inicia-se a fabricação de cobertores.

Paralelamente foi efetuada a compra do descarçador de algodão.

Por volta de 1917 a Companhia já produzia vários tipos de pano coloridos, como zefir, brins, cobertores e flanelas.



A CHEGADA DO ALGODÃO

O trem entrava no desvio do pátio da Companhia carregado de lenha e matéria-prima. O algodão era encaminhado para o descarçador, onde sofria a separação das grossas impurezas, como o caroço. As cascas e caroços eram utilizados na caldeira. O produto, propriamente dito, seguia para a lavagem e tingimento. Em seguida colocavam ao sol para a secagem. Após essa etapa começava o processo de fiação. O resultado seria o fio cru ou colorido (azul-escuro, azul-claro, preto, cinza, rosa e vermelho).

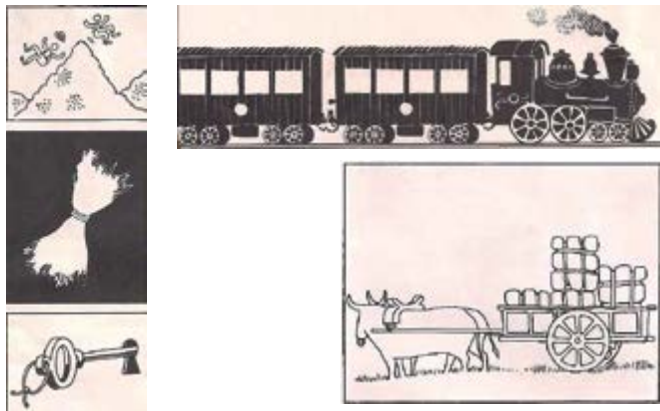
O escoamento da produção da indústria, nesta época, era feito através do transporte ferroviário. A mercadoria era entregue para o balanceiro, e ficava sob responsabilidade da estação. Com o passar dos anos, a produção foi crescendo e passou a ser transportada com mais frequência, por carroças que chegavam a carregar 20 fardos; cada fardo levava 20 peças de aproximadamente 50 metros cada. Os maiores consumidores da época eram o Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

"A semente de algodão era jogada num canto, fazia aquela altu-ra de

semente e nós, meninos travessos, gostávamos de virar cambalhota e caíamos lá em baixo". A semente era aproveitada na caldeira.

"O algodão vindo do Ceará possuía fibras longas. Fazíamos o escartamento das máquinas, de acordo com o comprimento das fibras: logo, tendo um bom resultado, o fio possuía mais elasticidade, tornando-se mais forte. Já o algodão do Paraná não tinha a mesma qualidade das fibras do algodão do Ceará, mas era bem mais limpo".

1917 - As casas dos operários pertenciam à Cia. que lhes cobrava aluguel. Com o passar dos anos os trabalhadores as adquiriram.



A COMPANHIA E A COMUNIDADE



A comunidade São Joanense carregava em suas veias características marcantes de seus colonizadores, os italianos, como por exemplo o uso de tamancos de madeira, feitos pelos próprios usuários. Este costume se observava nos empregados da indústria.



Os horários de funcionamento da fábrica orientavam a cidade em sua vida diária. Um sonoro tocar, alternado de apitos da caldeira a vapor, marcava os dois turnos de trabalho (06:30h às 17:30h; 18:00h às 22:00h), intercalados com os intervalos de lanche, almoço, café e janta.

Elementos sonoros e fatos do cotidiano como o costume da última turma de operários andar de tamancos no trajeto para suas casas davam o soar de uma bateria, tá lá, tá lá, os empregados, acompanhando o som de seus sapatos, cantavam músicas da época. Por onde passavam deixavam marcado o fim de sua luta diária.

Festas como primeiro de maio, churrascos de fim de ano, organizados pelos próprios trabalhadores, jogos de futebol e o desfile de 07 de Setembro estreitavam, cada vez mais os laços entre a comunidade e a fábrica.

Os treinos de futebol eram feitos nas folgas do trabalho, domingos e feriados. Os times infantis e juvenis tinham treinadores e até técnico, que eram operários da companhia, que costumavam dar as instruções de futebol nos intervalos de seu trabalho.

Os trabalhadores da fábrica desfilavam no dia Sete de Setembro com seus uniformes. As mulheres com tecido tipo zefir marrom-claro e os homens de azul-claro. "Uniforme, macacão, aqueles tênis, tudo machucando, a gente custava para desfilar; a gente não estava acostumado. Só usávamos tamancos".



1920/1950

No final da década de vinte foi criado o setor de "Fundição" na indústria. Esse setor surgiu devido à necessidade de manutenção das máquinas ali existentes, pois suas peças danificadas não eram encontradas no mercado nacional. O

fundidor fundia qualquer peça; a matriz era feita de madeira pelo carpinteiro da época. Nesse período a fundição chegou a prestar serviço para fora da fábrica.

O sistema de controle horas/trabalho que mais marcou a memória dos operários foi o do vintém de 40 réis, que havia saído de circulação. Colocavam um quadro na parede com as moedas relativas ao número de trabalhadores. Quando o pessoal chegava de manhã tirava a moeda que lhe correspondia e colocava-a dentro do cofre; o controle era feito pelo porteiro: abria o cofre e verificava os que haviam trabalhado; e tornava a colocar as moedas no quadro.

Na época da guerra, 1930, a indústria produziu um tecido, brim azul-marinho, que foi confeccionado especialmente para exportação, encomenda feita através do Rio de Janeiro.

Os produtos acabados continuavam os mesmos, mas o pano xadrez aumentou sua produção e o tergal ocupou seu espaço no mercado nacional.

Na década de quarenta chegou-se a exportar flanela para a Argentina.

"Tínhamos medo de ir para casa à noite, então nós dormíamos na fábrica, do lado da caldeira; era quentinho, nos cobríamos com a linhagem e dormíamos ali. Era tudo mato, mas tinha um caminho que passava, saía num portão grande que ia na fábrica; diziam que certa hora da noite aparecia uma mulher toda vestida de branco e nós tínhamos um medo tremendo, devido a nossa idade (12 anos). Essa coisa da época... Que companheirada boa..."

"A situação da fábrica tá muito ruim; não esquenta a cabeça com isso não, enquanto o algodão for comprado a quilo, e o pano vendido a metro, não há prejuízo."

"1928 A Leeson era só para meninas menores. Quando completavam mais idade, passavam para tecelagem. Tocavam três teares."

"Na época da guerra tudo parou." "Nunca deixamos de receber". "Havia estoque de matéria-prima e a fábrica parou somente um dia. O apito não tocou".

A GRANDE VIRADA: MODERNIZAÇÃO

1950/1991 - Em 1950/60 ocorre uma revolução tecnológica na Companhia. A nova administração investe valores incalculáveis, em máquinas modernas.

Reformularam todo o cascarnificio, colocando equipamentos que permitiram, em duas décadas, saírem das selfatinhas das cardas completamente obsoletas. A aquisição do conjunto within permitiu dar o primeiro ganho de produtividade na nova fase da empresa.

1960/70 - Compra de 11 teares Somet, de 3,80m, que era o que havia de mais moderno no mundo, na fabricação de tecidos e na fabricação de cobertores. Obteve-se um ganho de produtividade 10 vezes do que se ganhava, referente à produção de cobertores. Simultaneamente, foi a primeira fase do cotonifício, quando começou a substituir-se os filatórios velhos por outros mais atuais. Isso determinou o investimento na preparação da fiação, as maçoraqueiras Saco Lowell, aquisição dos passadores e também 6 cardas modernas de alta produção. A compra dos teares Howa e Sulzer completou mais uma etapa da grande virada da São Joanense, pois possibilitou condições para a melhoria da qualidade dos tecidos da companhia; (exportação para a Holanda e Itália).

1970/80 - Cresceu o volume de produção da fábrica.

A produção aumentou de 440 mil metros na década de 60 para 01 milhão de metros de pano (80).

Durante a década de 80 foi criada a Companhia Têxtil de Pirapora.

TREINAMENTO E ESPECIALIZAÇÃO: CUIDADO COM O PESSOAL

Desde 60 começou-se a investir maciçamente no treinamento e formação de pessoal. Foi incentivada a realização de cursos de especialização dentro e fora da companhia, em nível nacional e internacional. A fábrica possui um centro de treinamento, onde todos os funcionários passam por um período de até 90 dias. Dentro desse espírito, a Companhia Têxtil São Joanense já fez 19 operários padrão do Estado de Minas Gerais e um operário padrão do Brasil.

Uma característica na formação do quadro pessoal da companhia é a sucessão de gerações que nela trabalham. Algumas seções chegam a passar de pai para filho.

"A fábrica foi e é importante para São João del Rey. A cidade deve uma parte grande à fábrica de tecidos. Quantas famílias foram e são criadas por essa fábrica, quanta gente depende dali".

"A fábrica era minha vida, eu entrei tão novo e trabalhei tantos anos, que até hoje sonho com a fábrica; eu sonho que estou trabalhando, que estou naquela luta..."



Pesquisa Histórica e Texto: Moema Grazziotin Gonçalves . Coordenação: Gaia . Fotografia e História . Arte: Roberto Silva

A FOLHA SECA

O escritor mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968) trabalhava na Agência Nacional, no Rio de Janeiro, então Capital do País. Certo dia, ao acordar para o trabalho – ele que era madrugador – percebeu que não estava bem. Ainda assim, vestiu-se, desceu as escadas da casa onde morava, caminhou até as proximidades da Lagoa, a fim de pegar a condução.

Realmente, não estava bem. Retornou à casa, de onde telefonou para um colega de serviço, justificando a falta. Estava muito gripado, talvez febril. E com o dia chuvoso, vento forte, frígido, temendo uma piora, não iria ao expediente, esclareceu o escritor. Acabou se excedendo ao telefone, entrando em minúcias e explicações junto ao interlocutor: - Esse vento noroeste está arrastando, levantando muita folha seca – sinal de que mais tarde irá chover...

Encerrado o telefonema, o companheiro leva o assunto ao chefe da repartição.

- O Lúcio telefonou, avisando que não vem trabalhar hoje, não. Ele até chegou a sair de casa, mas, no caminho, encontrou uma impressionante folha seca que veio do noroeste, varrida pelo vento, de maneira que ele não pode vir e voltou para casa...



O FILÓLOGO ‘ANALFABETO’

Um dos maiores filólogos e linguistas brasileiros, Aires da Matta Machado Filho, nasceu em Diamantina (MG) em 26/02/1909, falecendo tragicamente, em 1985, em um acidente de carro, quando em companhia de familiares, retornava de seu sítio em Sete Lagoas.

Professor de Filosofia e Letras na PUC-MG, catedrático na Faculdade de Filosofia da UFMG, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, autor de celebrados livros, dentre eles “Pequena História da Língua Portuguesa” e “Dicionário Popular e Didático da Língua Portuguesa”, ainda hoje referências bibliográficas para pesquisadores e leitores em geral.

Mestre Aires, como era chamado, manteve, durante anos, a coluna “Escrever Certo” no jornal “Estado de Minas”, de Belo Horizonte, dirimindo dúvidas gramaticais, ajudando na elucidação e o emprego correto de nosso valioso idioma. Homem do povo, dotado de uma humildade impar dentro de sua vasta e enciclopédica sabedoria, era visto caminhando, a passo miúdo e inseguro, pelo centro da cidade, tomando ônibus, sempre com grande dificuldade, tendo que recorrer aos préstimos de transeuntes para orientá-lo, pois tinha sérios problemas de visão, que o acompanhavam desde os primeiros tempos de infância, em Diamantina.

Tinha o hábito de redigir seus artigos, de forma manuscrita, indo entregá-los, pessoal e religiosamente, à redação do jornal, onde os textos eram datilografados pelo pessoal da redação, antes de irem a prelo, tendo funcionários e jornalistas que ajudarem o velho mestre a subir e descer as escadarias do antiquado prédio.

Encontrava-se o renomado sábio, certa vez, num ponto de ônibus da Rua da Bahia, próximo à esquina com a Av. Dr. Augusto de Lima, à espera do loteação que o levaria ao Bairro Santo Antônio, onde residia. Dada a sua precária visão, dependia sempre de alguém ali presente lhe informasse a hora em que o ônibus estivesse passando pelo local (“ponto”), para que pudesse dar o sinal e assim seguir viagem.

Aproximou-se de um senhor muito simples, roupas até rotas, ali também esperando pelo ônibus, cumprimentou-o, dizendo-lhe:

- Amigo, por favor, gostaria de uma grande gentileza sua...

O homem, que sequer, por um sonho, imaginava estar ao lado de uma das maiores autoridades e gênios da área linguística do País, respondeu-lhe, solícito:

- Às ordens!...

- Quando o ônibus Floresta/Santo Antônio estiver se aproximando, o senhor me avisa, explanou Mestre Aires.



O estranho, num linguajar pitoresco, retrucou:

- O moço me “adesculpe” não poder lhe ajudar, é que eu também, tal qual o senhor, sou curto das letras ou, como se diz por ai, anal-fabeto de pai e mãe...